



Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios

CADERNO I
DIAGNÓSTICO
[INFORMAÇÃO DE BASE]
2014 – 2018

abrantes
www.cm-abrantes.pt



(Esta página foi deliberadamente deixada em branco)

Índice

CADERNO I – DIAGNÓSTICO - INFORMAÇÃO BASE

1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

- 1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO
- 1.2. HIPSOMETRIA
- 1.3. DECLIVE
- 1.4. EXPOSIÇÕES
- 1.5. HIDROGRAFIA

2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

- 2.1. TEMPERATURA DO AR
- 2.2. HUMIDADE RELATIVA DO AR
- 2.3. PRECIPITAÇÃO
- 2.4. VENTO

3. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

- 3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE E DENSIDADE POPULACIONAL
- 3.2. ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E SUA EVOLUÇÃO
- 3.3. POPULAÇÃO POR SECTORES DE ATIVIDADE (%)
- 3.4. TAXA DE ANALFABETISMO
- 3.5. ROMARIAS E FESTAS

4. CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO, REDE FUNDAMENTAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E GESTÃO FLORESTAL

4.1. OCUPAÇÃO DO SOLO

4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS

4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE+ZEC) E REGIME FLORESTAL

4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL

4.4.1 ZONA DE INTERVENÇÃO FLORESTAL - ALDEIA DO MATO

4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E DE PESCA

5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CASUALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

5.1. ÁREA ARDIDA E NUMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO

5.1.1. ANUAL

5.1.2. MENSAL

5.1.3. SEMANAL

5.1.4. DIÁRIA

5.1.5. HORÁRIA

5.2. ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS

5.3. ÁREA ARDIDA E NUMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO

5.4. PONTOS PROVÁVEIS DE INICIO E CAUSAS

5.5. FONTES DE ALERTA

5.6. GRANDES INCÊNDIOS(ÁREA SUPERIOR OU IGUAL A 100 HÁ) - DISTRIBUIÇÃO

5.6.1. ANUAL

5.6.2. MENSAL

5.6.3. SEMANAL

5.6.4. HORÁRIA

1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O concelho de Abrantes localiza-se no distrito de Santarém ocupando uma área de 71.470,88 ha o que corresponde a 10,64% da área total do distrito. Pertence à NUT nível II “Lisboa e Vale do Tejo” e NUT III “Médio Tejo”. É constituído por 13 freguesias (figura 1 e tabela 1). De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de janeiro, artigo 3º, foram criadas as freguesias constantes das colunas B e C do anexo I da presente lei (Tabela 2).

TABELA 1 – FREGUESIAS DO CONCELHO DE ABRANTES E RESPECTIVAS ÁREAS

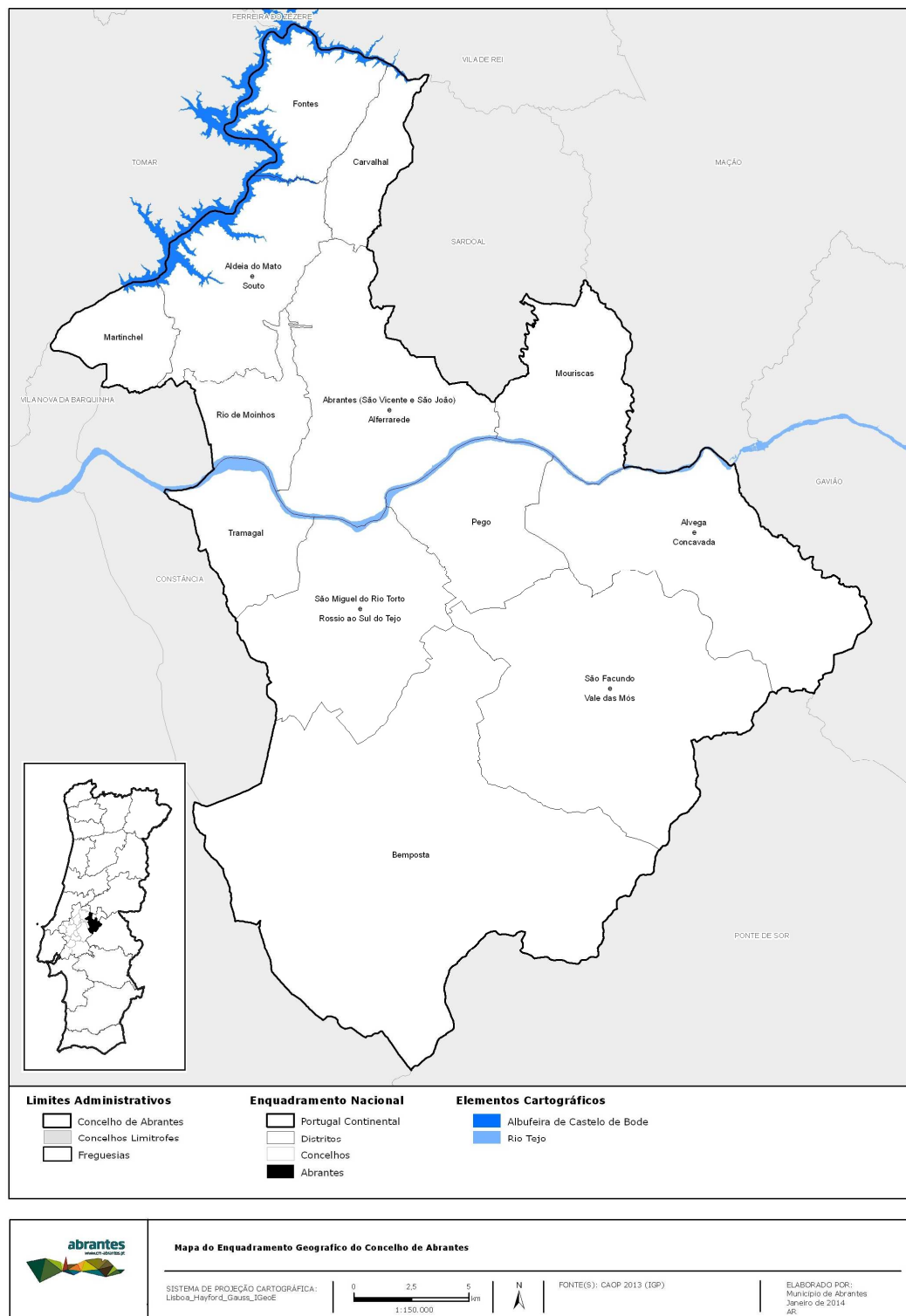
Freguesia	Área (km)	%
Aldeia do Mato e Souto	44,8	6,3
Alvega e Concavada	75,9	10,6
Bemposta	187,5	26,2
Martinchel	17,1	2,4
Mouriscas	35	4,9
Pego	36	5,0
Rio de Moinhos	20	2,8
Tramagal	24,1	3,4
Fontes	28,5	4,0
Carvalhal	17,5	2,5
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	64,5	9,0
São Facundo e Vale das Mós	104,9	14,7
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	58,9	8,2
Total	714,7	100

TABELA 2 – REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO TERRITÓRIO DAS FREGUESIAS

Freguesias a agregar	Freguesias criadas por agregação
Abrantes (São João)	União das Freguesias de Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede
Abrantes (São Vicente)	
Alferrarede	
Aldeia do Mato	União das Freguesias de Aldeia do Mato e Souto
Souto	
Alvega	União das Freguesias de Alvega e Concavada
Concavada	
São Facundo	União das Freguesias de São Facundo e Vale das Mós
Vale das Mós	
São Miguel do Rio Torto	União das Freguesias de São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo
Rossio ao Sul do Tejo	

Geograficamente Abrantes é delimitado a norte pelos concelhos de Ferreira do Zêzere e Vila de Rei; a nordeste pelos concelhos de Sardoal e Mação; a este pelo concelho de Gavião; a sudeste pelo concelho de Ponte de Sor; a sudoeste pelo concelho da Chamusca; a oeste pelos concelhos de Constância e Vila Nova da Barquinha e a noroeste pelo concelho de Tomar.

FIGURA 1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO



Abrantes possui um perímetro aproximado de 183 km, um comprimento máximo Norte-Sul de 46Km e Este-Oeste de 36Km, variando entre uma altitude máxima de 310m e mínima de 5m.

Do ponto de vista dos recursos naturais, usufrui de dois dos maiores recursos hídricos do País:

- o rio Tejo que atravessa o concelho numa extensão de cerca de 30km;
- o rio Zêzere que possui uma albufeira cuja margem confina com o concelho.

Na Lei orgânica do ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas) o concelho enquadra-se na Circunscrição Florestal do Sul, Núcleo Florestal do Ribatejo e Oeste e Área Metropolitana de Lisboa. Está na abrangência da Direcção Regional de Agricultura e Pescas de Lisboa e Vale do Tejo (DRAPLVT).

1.2. HIPSOMETRIA

A análise hipsométrica consiste no agrupamento de zonas territoriais homogéneas no que respeita aos valores da sua altitude em relação ao nível médio do mar. Devido às suas múltiplas influências, este parâmetro desempenha um papel fulcral no âmbito do planeamento e gestão florestal. O concelho de Abrantes apresenta variabilidade em termos de altitude, a qual aumenta gradualmente no sentido sul – norte.

O território desenvolve-se entre as cotas 5 e 40 nas zonas mais baixas do vale do Tejo e entre as cotas 250 e 310m a Norte, na zona do Carvalhal e no extremo Sul-sudeste. As cotas mais baixas, as designadas planícies, correspondem ao vale do rio Tejo e dos seus afluentes: Zêzere, Rio Torto, Ribeira de Coalhos, Ribeira do Fernando, Ribeira do Carregal e Ribeira da Lampreia.

A análise da figura 2 e do gráfico 1 a 4 permitem concluir a existência de um relevo mais acidentado a Norte do Rio Tejo, verificando-se as maiores diferenças de altitude, entre festos e talvegues. Na orografia para além destas duas realidades: Norte e Sul, alvitra uma terceira, a envolvente ao Rio Tejo.

GRÁFICO 1 – PERFIL NORTE-SUL

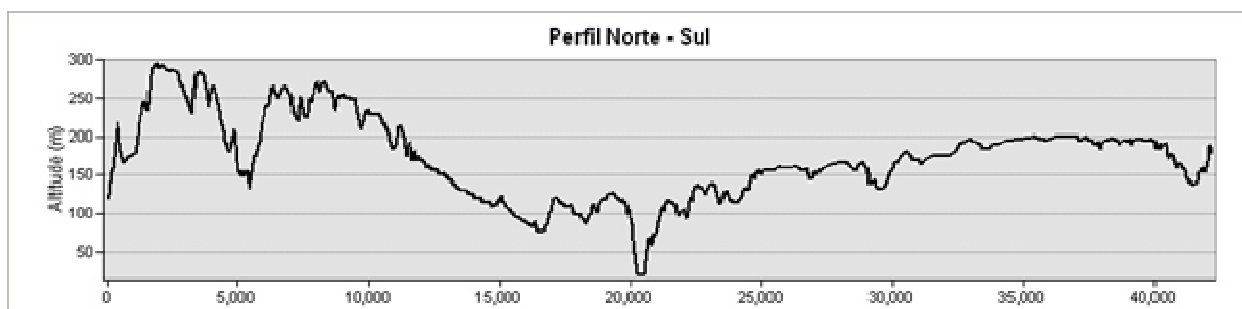


GRÁFICO 2 – PERFIL OESTE-ESTE (SUL DO CONCELHO)

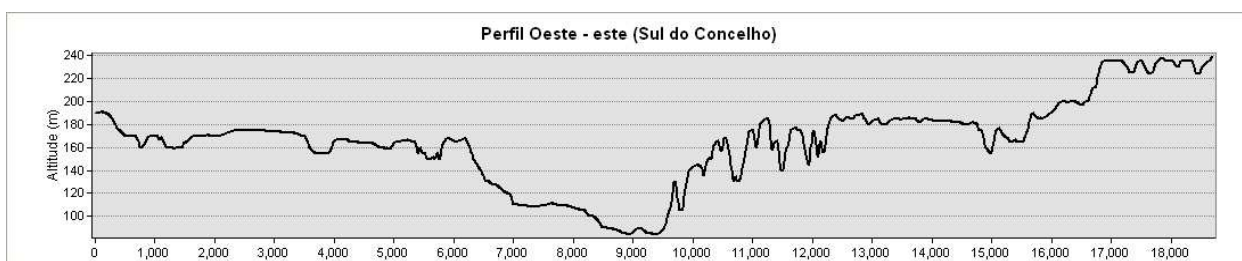


GRÁFICO 3 – PERFIL OESTE-ESTE (TEJO)

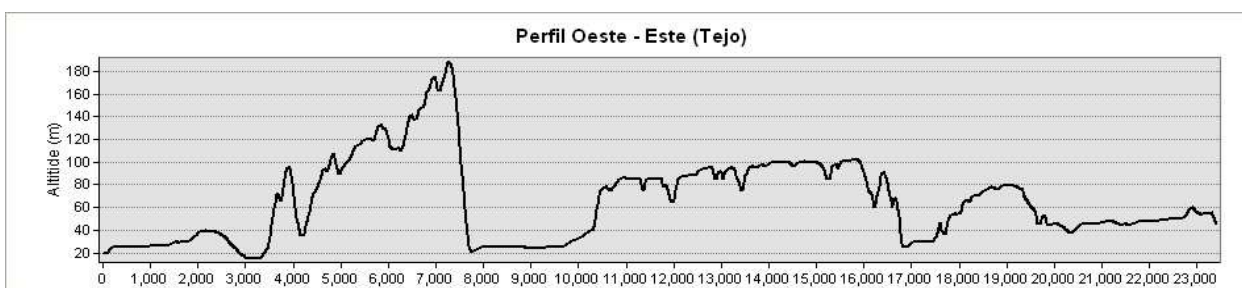


FIGURA 2 - HIPSOMETRIA

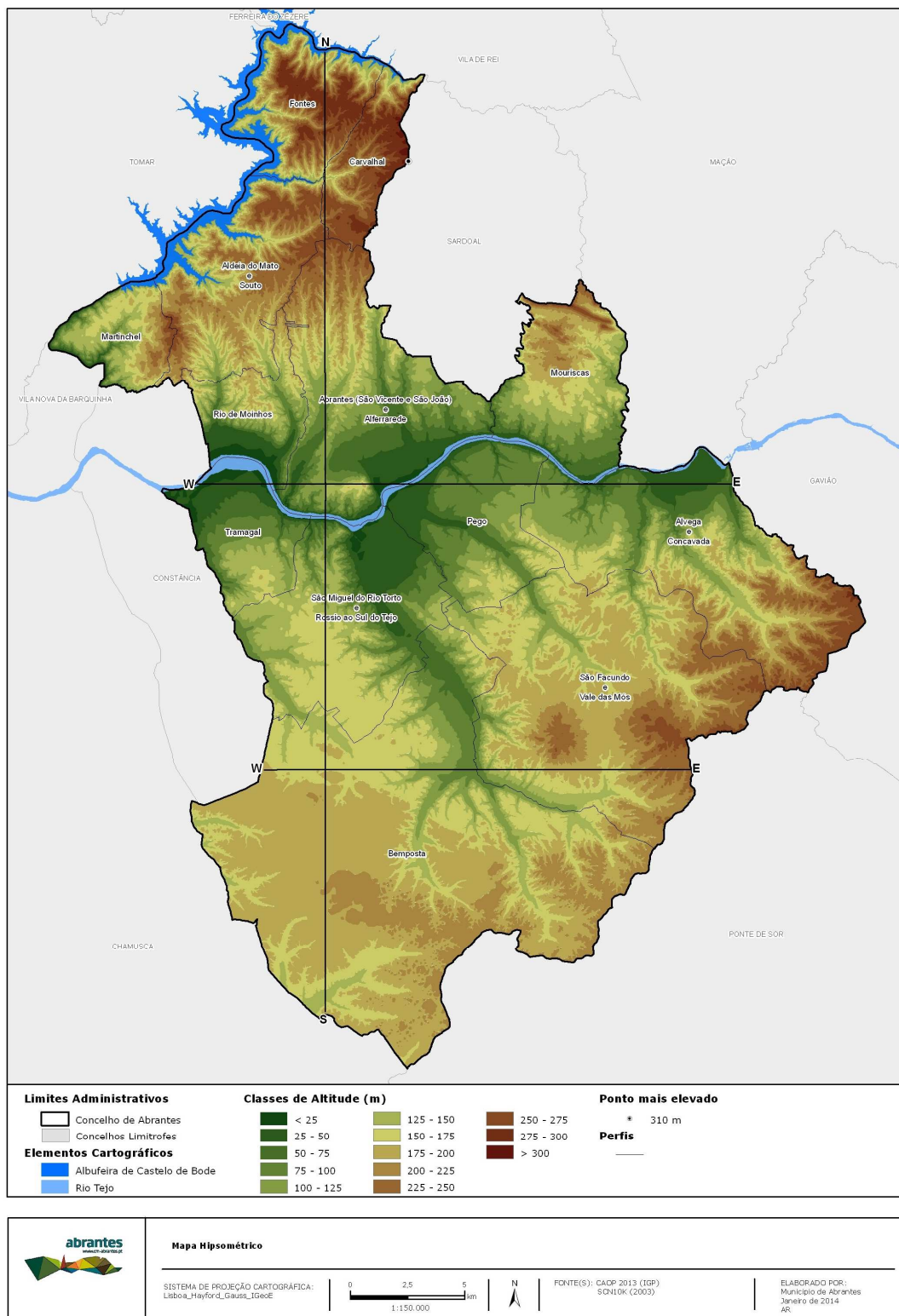
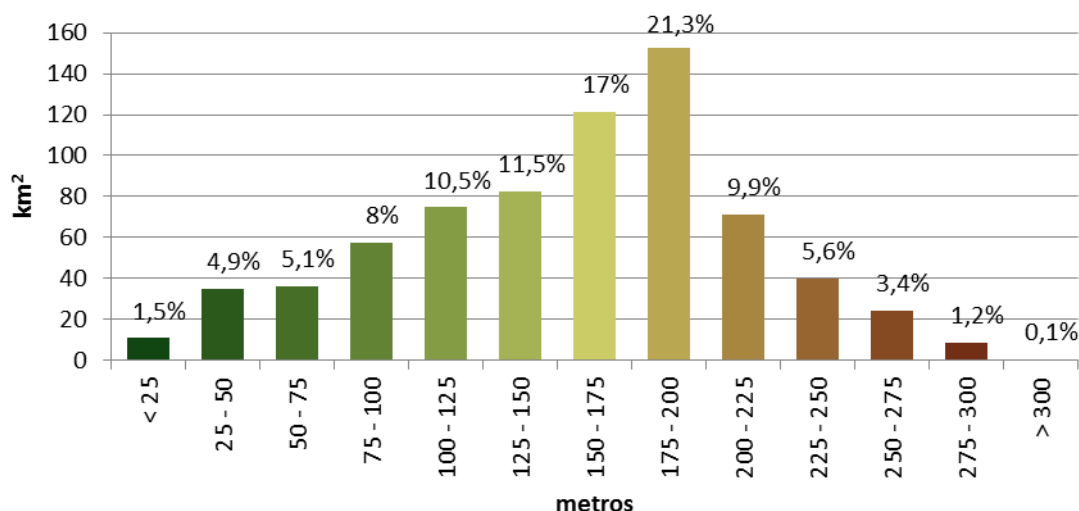


GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES HIPSONÉTRICAS (KM² E %)

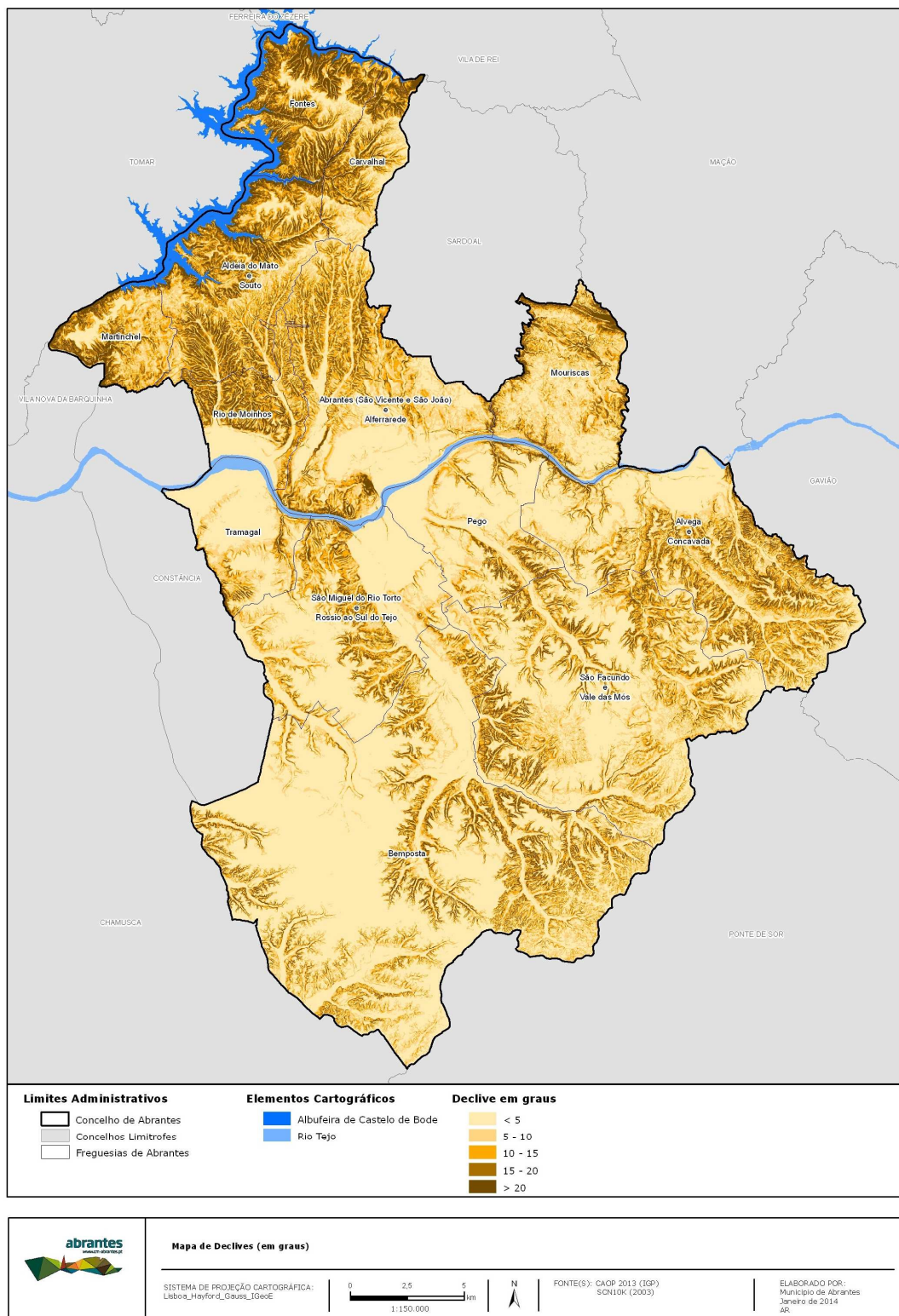


O agrupamento das curvas de nível em intervalos de classes permite constatar a prevalência do intervalo entre 150-200 metros localizado maioritariamente nas áreas a sul do Vale do Tejo, quase até ao limite sul/sudeste do concelho.

1.3. DECLIVE

O declive relaciona a diferença entre a variação das cotas altimétricas e representa um dos parâmetros mais importantes em termos fisiográficos. No concelho de Abrantes os declives mais acentuados (> 20%) dominam na zona norte, nomeadamente na zona da barragem do Castelo de Bode, Rio Zêzere, definindo as margens dos cursos de água. À medida que nos deslocamos para sul, o relevo é mais suave, embora apresente algumas linhas de água com margens bem definidas, caso do Rio Tejo, Rio Torto, Ribeira de Coalhos, Ribeira do Fernando, Ribeira do Carregal e Ribeira da Lampreia.

FIGURA 3 - DECLIVES (GRAUS)



Na produção da figura 3 foram utilizadas as seguintes classes de declives (em graus):

Classe 0 a 5 – Valor 2 - zonas planas ou com declive reduzido;

Classe 5 a 10 – Valor 3 - zonas de declive fraco a moderado

Classe 10 a 15 – Valor 4 - zonas de declive moderado

Classe 15 a 20 – Valor 5 - zonas de declive moderado a forte

Classe 20 e superiores – Valor 6 - declive muito forte

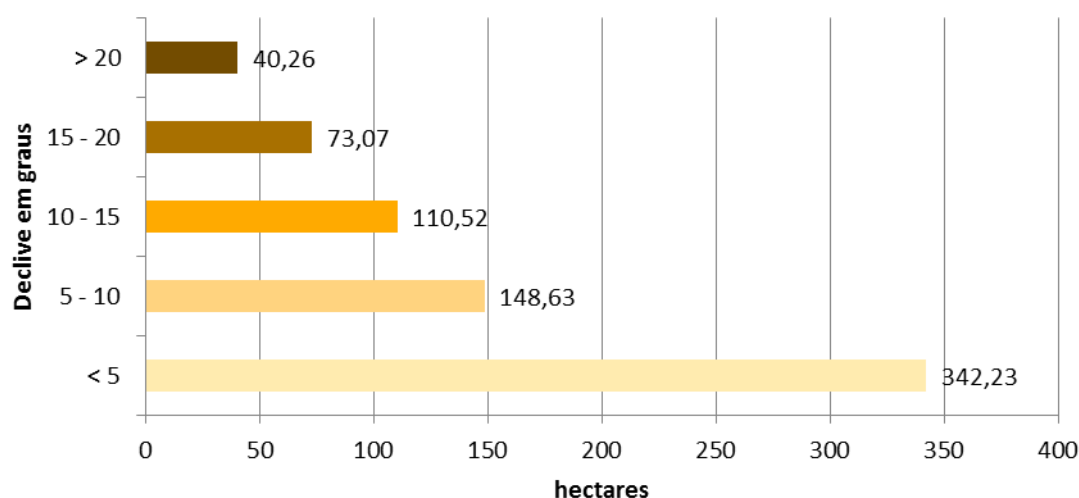


GRÁFICO 5 – DECLIVE EM GRAUS

O declive é uma variável com um peso muito considerável sendo que o risco de incêndio aumenta quanto mais acentuado é o declive dado que este favorece a progressão do fogo, quer devido à aproximação dos combustíveis das chamas, quer devido aos ventos que provocam correntes de convecção favorecendo a subida do fogo pelas vertentes. Além disso, o combate nas zonas declivosas também é bastante difícil sendo necessários equipamentos de combate mais especializados.

Da análise do referido pode depreender-se que as zonas com maior declive correspondem ao norte do concelho e a cursos de água permanentes, coincidindo com as áreas de maior apetência florestal.

Esta situação tem implicações na defesa da floresta contra incêndios, designadamente por dois motivos:

- Existência de zonas que não são visíveis dos postos de vigia (zonas sombra), contribuindo para o retardamento da deteção e consequentemente da primeira intervenção;

- Existência de zonas de difícil acesso a meios de combate a incêndios.

1.4. EXPOSIÇÕES

A exposição aliada ao declive é um dos atributos que influencia, com alguma relevância, o risco de incêndio já que a quantidade de radiação solar recebida varia conforme a exposição. Segundo Botelho (1992) as vertentes a sul e sudoeste são mais ensolaradas e mais secas, com abundância de espécies esclerófitas, sendo por isso mais favoráveis à inflamação e propagação do fogo do que as vertentes viradas a norte e nordeste, com maiores teores de humidade e menores temperaturas, ardendo por isso mais lentamente.

De acordo com a figura 4 e gráfico 5 podemos concluir que no concelho de Abrantes a zona norte esta predominantemente exposta a oeste e este, já na zona sul verifica-se a predominância da exposição a norte, sul e oeste. Estas características revelam que este território recebe anualmente um número elevado de horas de sol, tornando-o numa zona mais quente e seca, logo mais suscetível à ocorrência de incêndios florestais.

FIGURA 4 - EXPOSIÇÕES

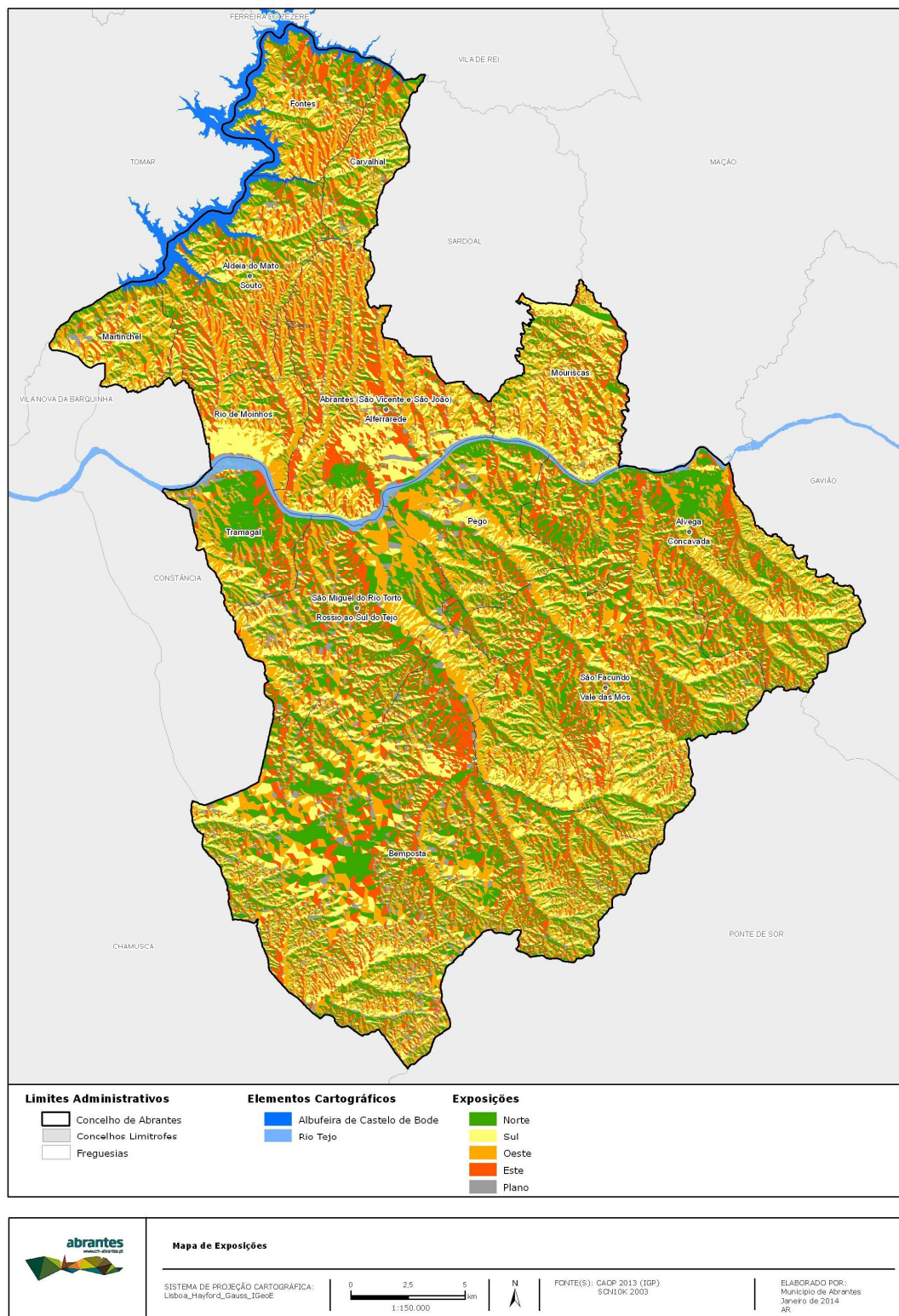
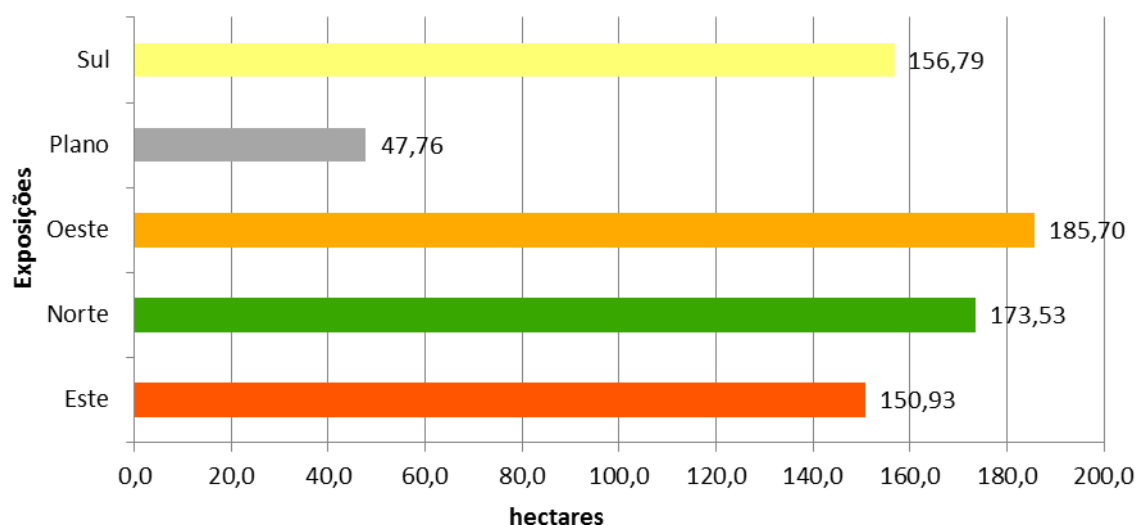


GRÁFICO 6 – EXPOSIÇÕES



1.5. HIDROGRAFIA

O território de Abrantes insere-se na bacia hidrográfica do rio Tejo.

O concelho divide-se em 3 bacias principais:

- as que drenam para o Tejo;
- as que drenam para a albufeira de Castelo de Bode (a noroeste);
- as que drenam para o concelho da Chamusca (a sudoeste)

O principal curso de água que atravessa o concelho é o Tejo com uma orientação nascente – poente. Apresenta uma rede hidrográfica bem desenvolvida e relativamente densa. No entanto nem todas as linhas de água são perenes.

O fato deste território possuir diversos cursos de água, resulta no aumento dos teores de humidade ao longo dos respetivos percursos e logo, no desenvolvimento de massa vegetal nas suas margens. Este material traduz-se assim na formação de “corredores” vegetais que estabelecem uma continuidade vertical e horizontal de combustível, potenciando a propagação e intensidade dos incêndios.

TABELA 3 - ÁREA/EXTENSÃO DAS PRINCIPAIS MASSAS DE ÁGUA E CURSOS DE ÁGUA

Designação		Área/Extensão
Superfícies aquáticas (ha)	Rio Tejo	682,45
	Albufeira do Castelo de Bode	913,65
	Barragem do Negrelinho	15,15
	Barragem da Lapa	4,30
	Σ	1615,55
Principais cursos de água permanentes e não permanentes (km)	Ribeira da Abitureira	Não Permanente 3,57
		Permanente 11,54
	Ribeira da Abrançalha	Não Permanente 22,91
		Σ 34,45
	Ribeira da Amoreira (Rio de São Facundo)	Não Permanente 3,07
		Permanente 3,37
	Ribeira da Amoreira (Rio de Moinhos)	Não Permanente 6,44
		Σ 9,80
		Permanente 2,22
	Ribeira da Bemposta	Não Permanente 2,74
		Σ 4,95
		Permanente 2,86
	Ribeira da Brunheta	Não Permanente 2,04
		Σ 4,90
	Ribeira da Caniceira	Permanente 1,86
		Permanente 1,89
	Ribeira da Chaminé	Não Permanente 9,78
		Σ 11,67
	Ribeira da Concavada	Não Permanente 2,93
		Permanente 2,07
	Ribeira da Cumiada	Não Permanente 3,86
		Σ 5,93
	Ribeira da Esteveira	Não Permanente 7,79
	Ribeira da Favaqueira	Não Permanente 6,48
		Permanente 2,74
	Ribeira da Ferraria	Não Permanente 1,94
		Σ 4,68
	Ribeira da Galhoufa	Não Permanente 4,05
	Ribeira da Lampreia	Não Permanente 11,65
	Ribeira da Quinta Velha	Não Permanente 2,10
	Ribeira da Sanguinheira	Não Permanente 6,29
	Ribeira da Terra Nova	Não Permanente 5,21
	Ribeira da Vide	Permanente 1,27
		Não Permanente 0,19
		Σ
	Ribeira da Vidigueira	Não Permanente 1,87
	Ribeira das Bicas	Permanente 3,15
	Ribeira das Lameiras	Não Permanente 4,47
		Permanente 0,54
	Ribeira das Murcegas	Não Permanente 1,37
		Σ 1,91
	Ribeira das Necessidades	Não Permanente 1,75
	Ribeira das Sentieiras	Permanente 5,94
	Ribeira de Água Branca	Não Permanente 4,47
	Ribeira de Alcolobre	Permanente 7,71
	Ribeira de Alferrarede	Permanente 3,63

Ribeira de Alvega	Permanente	2,98
	Permanente	0,89
Ribeira de Arcês	Não Permanente	8,11
	Σ	9,01
	Permanente	0,53
Ribeira de Cadouços	Não Permanente	10,45
	Σ	10,98
Ribeira de Carvalho	Não Permanente	5,65
Ribeira de Chainça/Alferrarede	Não Permanente	5,52
	Permanente	11,98
Ribeira de Coalhos	Não Permanente	0,98
	Σ	12,97
Ribeira de Fernão Dias	Não Permanente	9,35
Ribeira de Muge	Permanente	2,73
Ribeira de Rio de Moinhos	Permanente	4,68
	Permanente	1,03
Ribeira de S. Miguel (oeste)	Não Permanente	7,03
	Σ	8,06
	Permanente	0,65
Ribeira de Tojeiras	Não Permanente	8,06
	Σ	8,72
	Permanente	1,23
Ribeira de Ulme	Não Permanente	3,59
	Σ	4,81
Ribeira de Vale das Cavadas	Não Permanente	3,29
	Permanente	1,99
Ribeira de Vale de Açor	Não Permanente	1,09
	Σ	3,08
Ribeira de Vale de Cortoiços	Não Permanente	6,02
Ribeira de Vale de Rãs	Não Permanente	0,99
Ribeira de Vale de Salgueira	Não Permanente	4,56
Ribeira de Vale de Zebro	Não Permanente	2,70
	Permanente	2,53
Ribeira de Vale Seco	Não Permanente	1,93
	Σ	4,46
Ribeira de Vales	Não Permanente	2,24
Ribeira do Alcamim	Não Permanente	5,09
	Permanente	3,70
Ribeira do Balancho	Não Permanente	3,35
	Σ	7,06
Ribeira do Braçal	Não Permanente	3,78
	Permanente	2,14
Ribeira do Brunheirinho	Não Permanente	6,23
	Σ	8,37
Ribeira do Cabeço Redondo	Não Permanente	2,99
Ribeira do Caldeirão	Não Permanente	5,96
	Permanente	1,61
Ribeira do Carregal	Não Permanente	4,64
	Σ	6,25
Ribeira do Carregal do Meio	Não Permanente	1,61

	Ribeira do Carvalho	Permanente	1,42
		Não Permanente	2,11
		Σ	3,53
	Ribeira do Casalão	Permanente	4,73
	Ribeira do Crucifixo	Não Permanente	1,25
		Permanente	0,45
	Ribeira do Fato	Não Permanente	4,30
		Σ	4,75
		Permanente	7,67
	Ribeira do Fernando	Não Permanente	1,06
		Σ	8,73
		Permanente	1,72
	Ribeira do Negrelinho	Não Permanente	3,42
		Σ	5,14
		Permanente	1,23
	Ribeira do Pereiro	Não Permanente	5,85
		Σ	7,08
	Ribeira do Pimenta	Não Permanente	0,01
	Ribeira do Pouchão	Não Permanente	4,30
		Permanente	2,34
	Ribeira do Rio Frio	Não Permanente	16,35
		Σ	18,69
	Ribeira do Salvadorinho	Não Permanente	5,29
	Ribeira do Sardoal	Permanente	3,32
	Ribeira do Tamanzim	Não Permanente	6,25
	Ribeira do Tramagal	Não Permanente	6,73
	Ribeira do Vale da Estrada	Não Permanente	4,63
	Ribeira do Vale da Fonte	Não Permanente	3,22
		Permanente	2,48
	Ribeira do Vale da Horta (Bemposta)	Não Permanente	2,45
		Σ	4,92
	Ribeira do Vale da Margem	Não Permanente	5,94
		Permanente	0,57
	Ribeira do Vale da Mua	Não Permanente	3,84
		Σ	4,41
		Permanente	6,58
	Ribeira do Vale da Perna Seca	Não Permanente	6,07
		Σ	12,65
		Permanente	5,49
	Ribeira do Vale da Pucariça	Não Permanente	11,79
		Σ	17,28
	Ribeira do Vale da Roda	Não Permanente	3,40
	Ribeira do Vale da Zebra	Não Permanente	2,87
	Ribeira do Vale das Mós	Permanente	8,83
	Ribeira do Vale das Pombas	Não Permanente	3,47
	Ribeira do Vale de Tábuas	Permanente	2,55
		Permanente	1,74
	Ribeira do Vale de Zebrinho	Não Permanente	4,48
		Σ	6,22
	Ribeira do Vale do Feto	Não Permanente	5,34
	Ribeira do Vale Vaqueiro	Não Permanente	4,40
	Ribeira dos Vales	Não Permanente	7,69

	Ribeira Vale da Água	Não Permanente	5,24
	Ribeira Vale da Perna Seca	Não Permanente	2,56
	Ribeira Vale de Sanguinheira	Permanente	1,19
		Não Permanente	3,93
	Σ		5,12
	Ribeira Vale do Pisão	Não Permanente	0,93
	Ribeira Vale dos Poços	Não Permanente	4,79
		Permanente	2,61
	Ribeirão	Não Permanente	3,72
	Σ		6,33
	Ribeiro da Moinhola	Não Permanente	3,95
	Ribeiro de Vale da Horta (São Facundo)	Não Permanente	2,50
	Ribeiro de Vale da Horta de Baixo	Não Permanente	4,76
	Ribeiro do Vale dos Peixes	Não Permanente	6,24
	Ribeiro dos Carvalhos	Não Permanente	3,35
	Ribeiro Vale do Monte	Não Permanente	3,26
	Rio Tejo	Permanente	30,19
	Rio Torto	Permanente	14,54
	Rio Zêzere	Permanente	8,16
	Σ		601,19

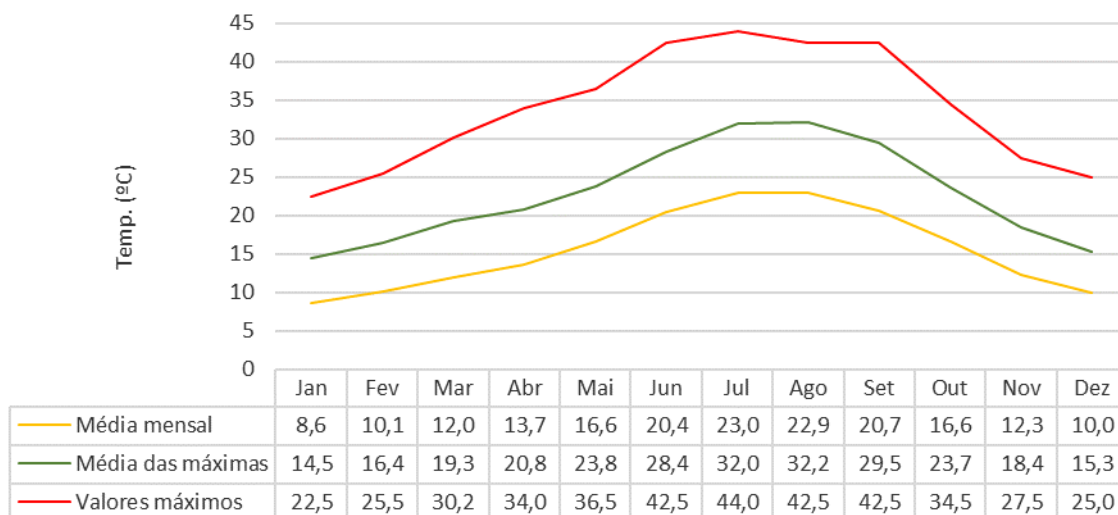
2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

2.1. TEMPERATURA DO AR

Os dados apresentados foram adquiridos pelo município de Abrantes ao Instituto de Meteorologia, IP e são referentes à Estação Meteorológica de Alvega para o período de 1961/1971 a 1990/2000 (Normal Climatológica).

Verifica-se que as temperaturas médias mensais mais reduzidas ocorrem em dezembro, janeiro e fevereiro (gráfico 7). Em relação às médias das máximas mensais registam-se médias mensais superiores a 30°C no verão e inferiores a 15°C no inverno. O aumento da temperatura tende a provocar a perda de humidade dos combustíveis florestais elevando assim a probabilidade de ignição, os meses mais favoráveis para a ocorrência de incêndios são julho, agosto e setembro.

GRÁFICO 7 – VALORES MENSAIS DA TEMPERATURA MÉDIA, MÉDIA DAS MÁXIMAS E VALORES MÁXIMOS (1971 – 2000)

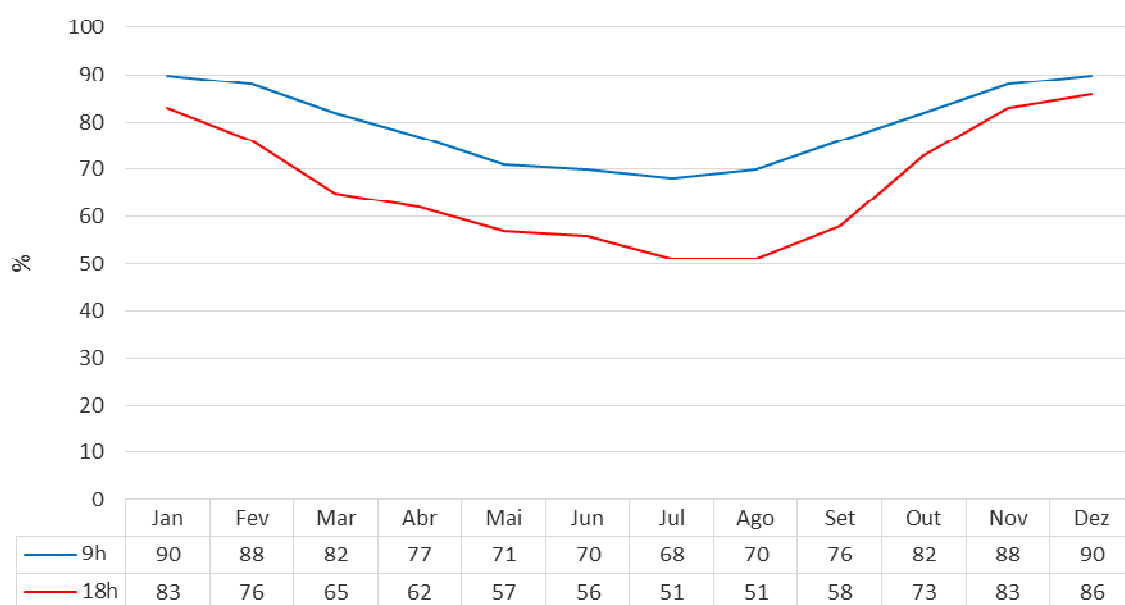


FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

2.2. HUMIDADE RELATIVA DO AR

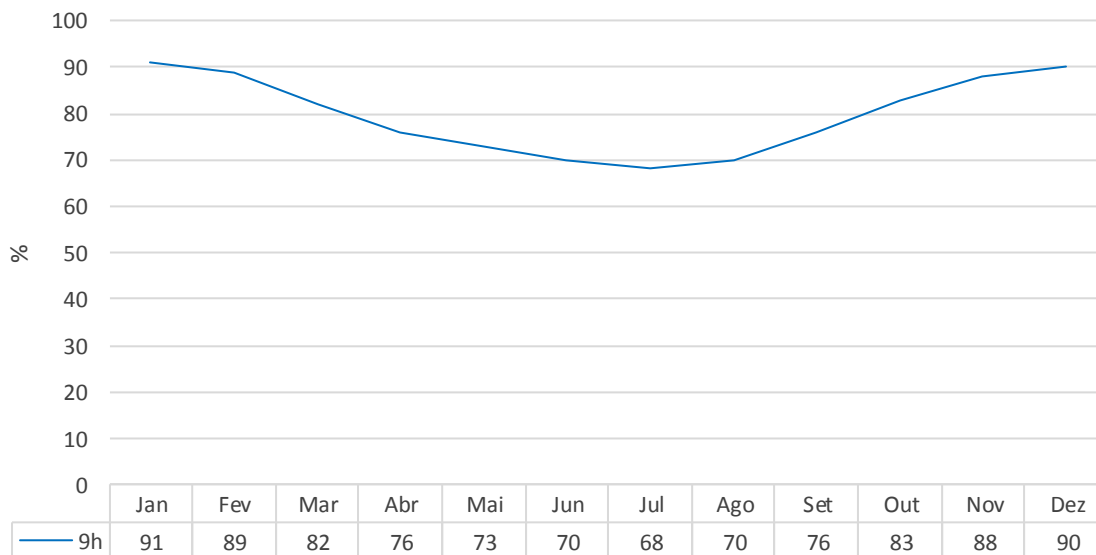
A humidade relativa do ar acompanha o comportamento da temperatura registando os valores mais baixos nos meses de julho e agosto (gráfico 8). Em termos de defesa da floresta contra incêndios o comportamento da humidade aliado ao da temperatura assume um papel negativo uma vez que acentua as condições de ocorrência e propagação de incêndios.

GRÁFICO 8 – VALORES MÉDIOS MENSAIS DA HUMIDADE RELATIVA DO AR ÀS 9H 18 H (1961-1990)



FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

GRÁFICO 9 – VALORES MÉDIOS MENSAIS DA HUMIDADE RELATIVA DO AR ÀS 9H (1971-2000)

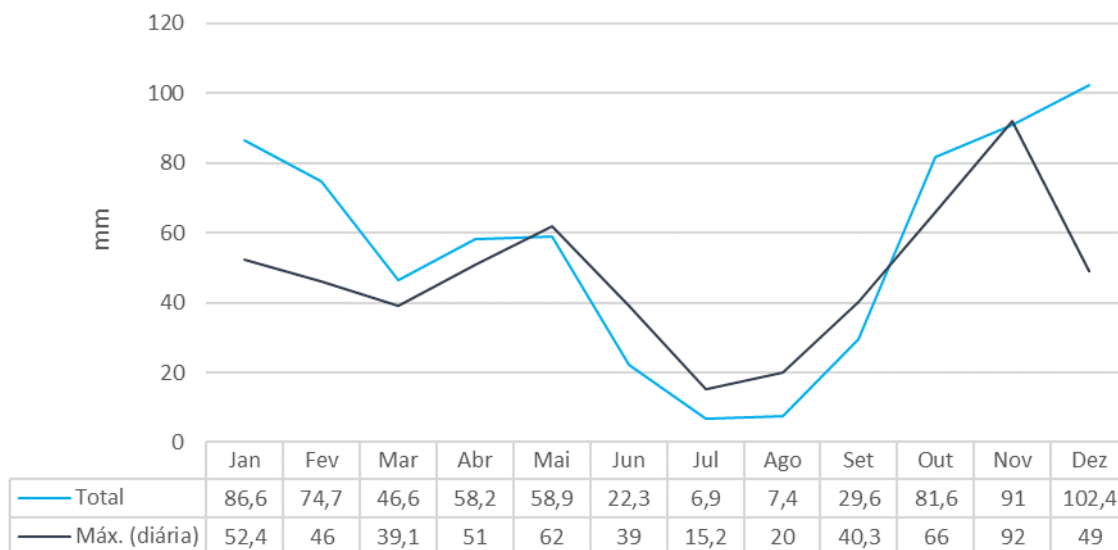


FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

2.3. PRECIPITAÇÃO

Os valores mais elevados da precipitação ocorrem nos meses de inverno. Em julho e agosto registam-se os valores mais baixos, quer em termos de precipitação total, quer em termos de máxima diária (gráfico 10). A escassez de água no período estival conjugada com temperaturas elevadas e humidades reduzidas resultam no período do ano mais difícil em termos de intervenções na defesa da floresta contra incêndios.

GRÁFICO 10 – PRECIPITAÇÃO MENSAL E MÁXIMA DIÁRIA (1971-2000)



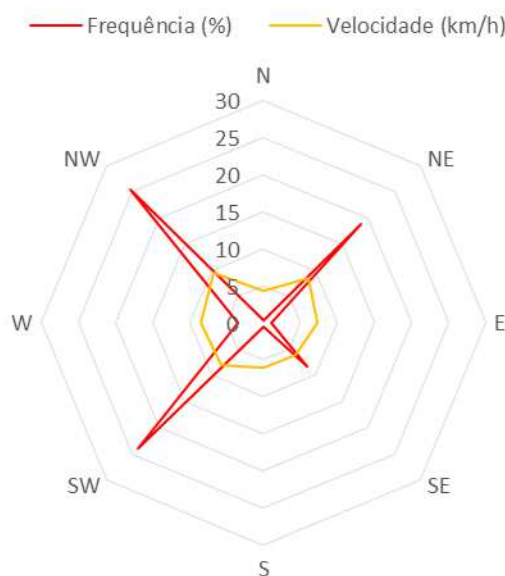
FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

2.4. VENTO

O vento é considerado um dos fatores mais influentes em situações de incêndio, dado que as suas características podem levar a um comportamento imprevisível.

No concelho de Abrantes, tendo como referência o período (1961 – 1990), a frequência do vento encontra-se distribuída predominantemente pelo quadrante NW e SW. No que se refere à sua velocidade no período estival, os valores mais elevados estão associados à direção NW para uma velocidade média de cerca de 8-9 Km/h (gráfico 11 e tabela 4).

GRÁFICO 11 – VENTOS PREDOMINANTES (1961-1990)



FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

TABELA 4 - VALORES DA FREQUÊNCIA E DA VELOCIDADE MENSAL PARA CADA VERTENTE (1961 A 1990)

	N		NE		E		SE		S		SW		W		NW		C
	FR	VM	FR	VM	FR	VM	FR	VM	FR	VM	FR	VM	FR	VM	FR	VM	
Janeiro	0,1	2	20,8	7	1,5	5,4	14	5,9	1,1	7	18,8	7,2	0,8	6,9	6,5	7,3	36,6
Fevereiro	0,1	3	22,2	7,5	1,5	6,7	11,9	6,3	1,1	5,7	24,1	7,5	2	6,6	10,9	7,5	26,1
Março	0,2	3,5	27,1	9,2	1	6,3	8,4	6,3	0,3	5,5	23	7,7	2,5	7,7	21,6	8,9	15,9
Abril	0,5	4,2	22,9	9,9	0,6	6,9	7,5	7,1	0,3	7,8	25,5	8,5	4,1	8,5	29,7	9,5	8,9
Maio	0,5	5	15,5	10,5	0,9	9,6	5,2	7,2	0,4	4,4	27,3	9,4	3,8	9,9	41,7	10,5	4,6
Junho	0,4	5	12,5	9,7	0,6	7,7	4,9	7	0,4	7,3	28,9	9,1	4,5	10,1	41,8	10,5	6,1
Julho	0,4	5,1	10,2	10,3	0,2	11,3	2,6	6	0,6	5,6	27,2	9,3	6,8	10,2	45,9	10,4	6,0
Agosto	0,4	6,1	11,2	9,6	0,1	2,5	2,5	5,8	0,2	6,7	26,8	9,2	6,7	8,7	45,4	10,1	6,8
Setembro	0,6	3,8	14,7	7,6	0,8	9,8	5,8	5,8	0,8	6,6	27,6	7,2	5,4	7,9	31,4	8,4	12,9
Outubro	0,2	2,3	21,3	7,5	1,5	7,6	12,1	6,2	0,5	5	22,7	5,8	2,4	6,2	13,8	7,3	25,5
Novembro	0,2	3,3	21,1	7,5	1,9	7,5	13,3	5,3	0,9	4,8	18,7	6,6	1,2	5,4	8,8	6	33,9
Dezembro	0,2	1	25	7,3	1,8	6,4	13	6,1	0,4	6,9	16,8	7	1,3	5,4	6,4	6,5	35,2
ANO	0	4	19	9	1	7	8	6	1	6	24	8	3	8	25	9	18,2

FONTE: INSTITUTO DE METEOROLOGIA

Legenda:

FR = Frequência média (%) e VM = Velocidade média do vento (Km/h)

C = Situação em que não há movimento apreciável do ar, a velocidade não ultrapassa 1 Km/h

N – Rumo Norte

NE – Rumo Nordeste

E – Rumo Este

SE – Rumo Sudeste

S – Rumo Sul

SW – Rumo Sudoeste

W – Rumo Oeste

NW – Rumo Noroeste

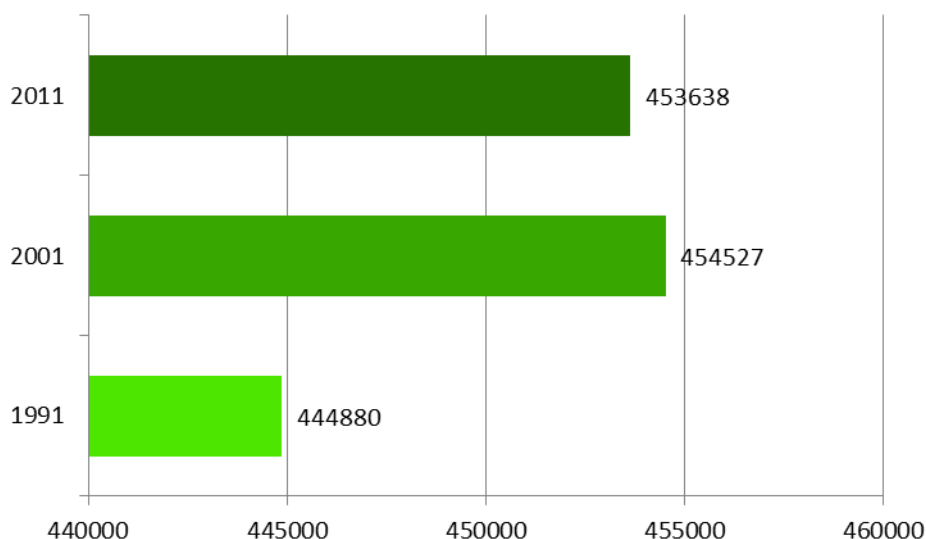
3. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE E DENSIDADE POPULACIONAL

A população residente no concelho de Abrantes foi afetada pelos sucessivos ciclos migratórios, denunciando uma evolução populacional caracterizada por uma diminuição acentuada (figura 6, gráfico 12 e tabela 5). Excetua-se a nova freguesia União das Freguesias de Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede, onde a população residente entre 2001 e 2011 teve um ligeiro acréscimo de 826 indivíduos, todas as restantes registaram decréscimos. A nova freguesia União das Freguesias de São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo registou a variação mais acentuada (menos 768 indivíduos), enquanto a freguesia de Fontes foi onde se registou o menor decréscimo (menos 81 indivíduos).

No período 1991/2011 verificou-se uma redução da densidade populacional. Na União das freguesias de São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo verificou-se uma diminuição de 1484 indivíduos e na União das freguesias de Alvega e Concavada verificou-se uma diminuição de 881 indivíduos.

GRÁFICO 12 – POPULAÇÃO RESIDENTE – DISTRITO (1991/2001/2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

FIGURA 6 - POPULAÇÃO RESIDENTE (1991/2001/2011) E DENSIDADE POPULACIONAL (2011)

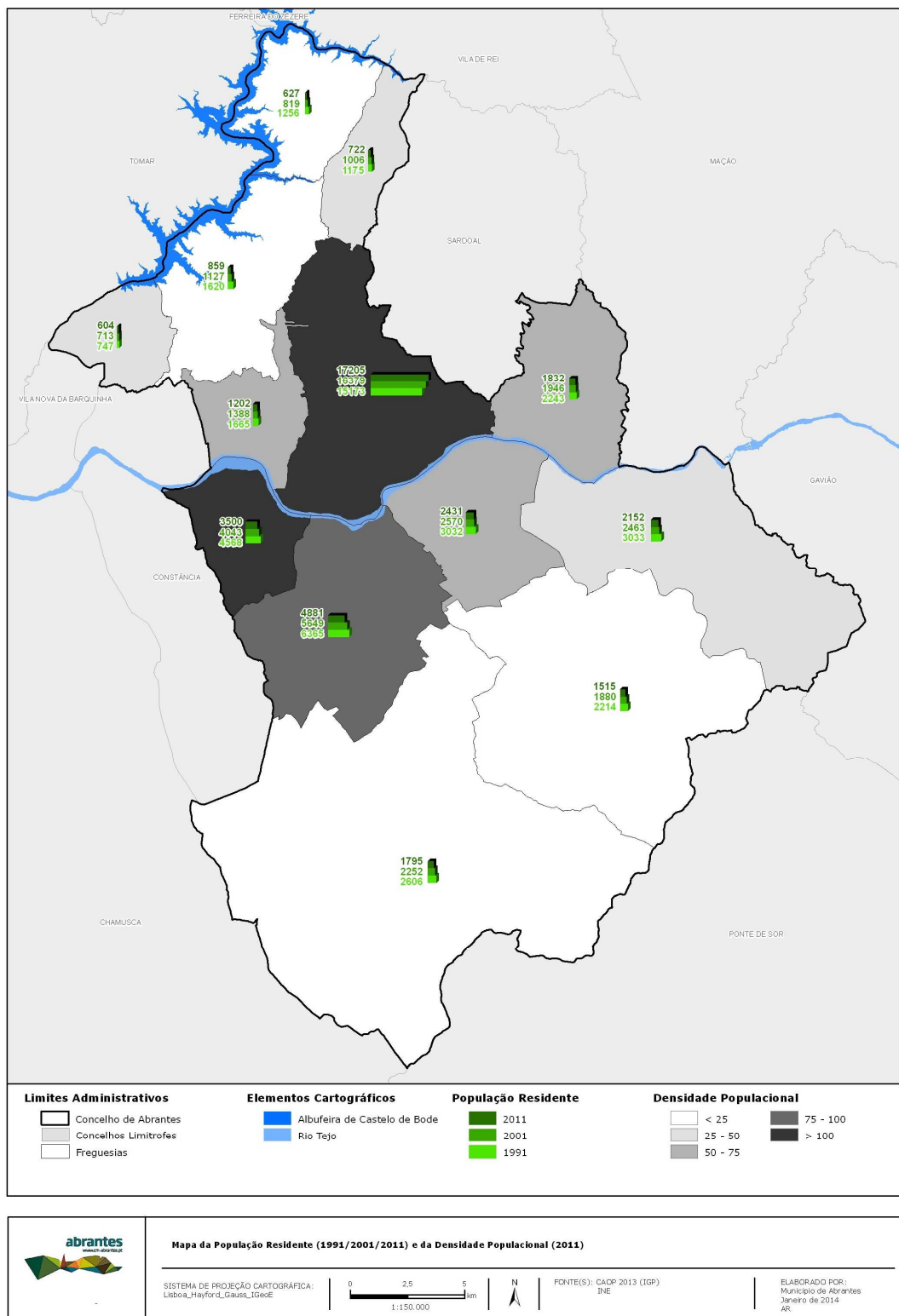


TABELA 5 - POPULAÇÃO RESIDENTE (1991/2001/2011)

Freguesia	1991	2001	2011
Aldeia do Mato e Souto	1620	1127	859
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	15173	16379	17205
Alvega e Concavada	3033	2463	2152
Bemposta	2606	2252	1795
Carvalhal	1175	1006	722
Fontes	858	734	653
Martinchel	1256	819	627
Mouriscas	747	713	604
Pego	2243	1946	1832
Rio de Moinhos	3032	2570	2431
São Facundo e Vale das Mós	2214	1880	1515
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	6365	5649	4881
Tramagal	1392	1133	927

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

De acordo com os censos de 2011 os extremos norte e sul do concelho são as zonas que apresentam valores mais baixos em termos de densidade populacional. A União de Freguesias de Abrantes e Alferrarede e Tramagal são as que apresentam um valor mais elevado de densidade populacional ($> 100 \text{ hab/km}^2$).

Este cenário favorece o acentuado abandono das atividades agro-silvo-pastoris cujas implicações adquirem grande relevância na defesa da floresta contra incêndios. O facto de não existirem pessoas no terreno dificultada a deteção e primeira intervenção. Existem grandes extensões de território abandonado com áreas contínuas de combustível tanto vertical como horizontal proporcionadoras de grandes incêndios.

3.2. ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E SUA EVOLUÇÃO

O índice de envelhecimento da população do concelho de Abrantes tem vindo a aumentar significativamente entre 1991 e 2011.

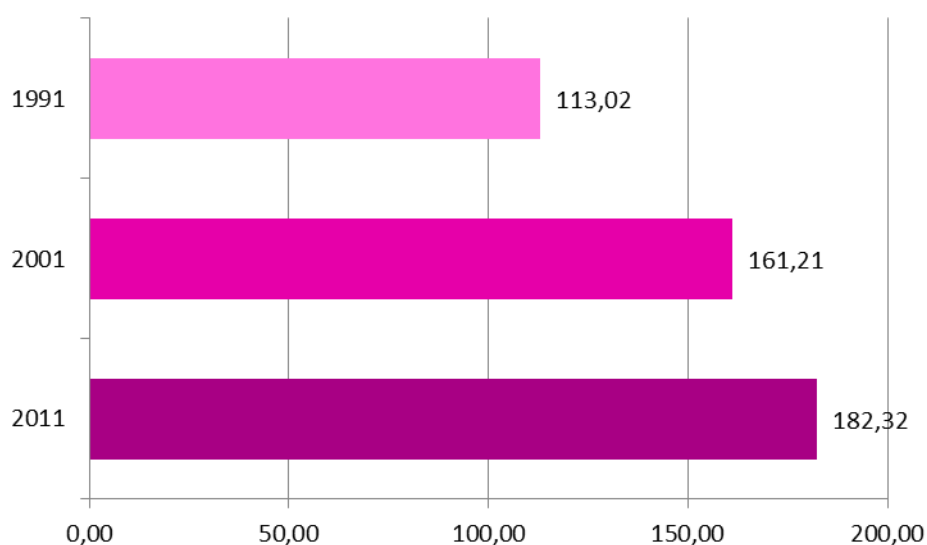
Neste período as freguesias a norte do concelho registaram o maior aumento deste valor, as freguesias onde se registou o menor aumento foram as da cidade

No período (1991/2001/2011) o concelho de Abrantes registou um índice de envelhecimento superior ao distrito de Santarém (mapa 7, gráfico 13 e tabela 6).

Pela análise efetuada verifica-se que esta tendência irá ter efeitos negativos na defesa da floresta contra incêndios, nomeadamente, por revelar um crescente abandono das atividades agro florestais.

Estamos perante uma população envelhecida, pouco aberta à aceitação de novas formas de organizar e gerir as áreas florestais, daí a dificuldade em implementar no território as Zonas de Intervenção Florestal.

GRÁFICO 13 – ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO – DISTRITO (1991/2001/2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

FIGURA 7 - ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E SUA EVOLUÇÃO

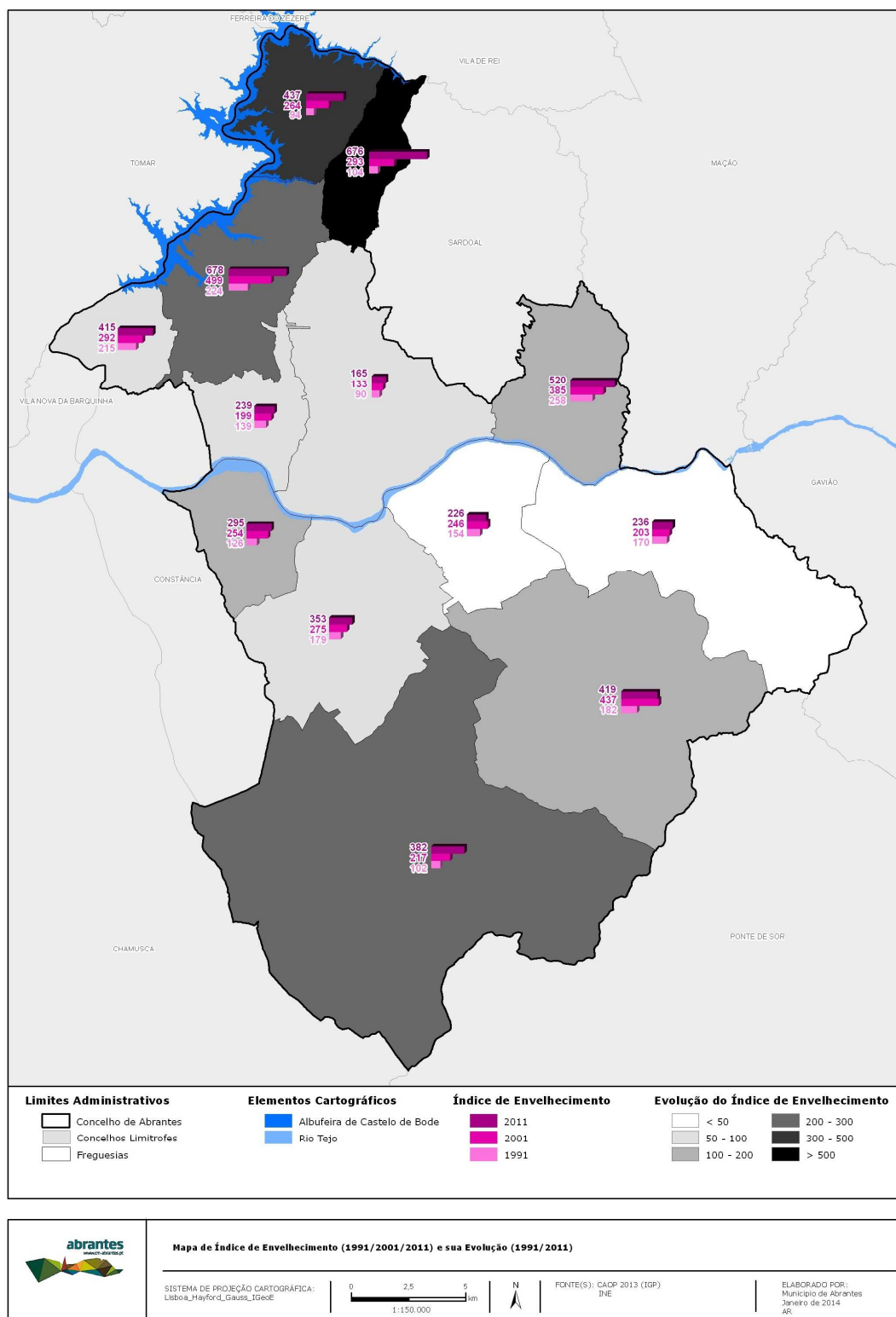


TABELA 6 - ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011)

Freguesia	1991	2001	2011
Aldeia do Mato e Souto	224	499	678
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	90	133	165
Alvega e Concavada	170	203	236
Bemposta	102	217	382
Carvalhal	104	293	415
Fontes	109	118	150
Martinchel	94	264	437
Mouriscas	215	292	415
Pego	258	385	520
Rio de Moinhos	154	246	226
São Facundo e Vale das Mós	182	437	419
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	138	210	268
Tramagal	221	575	440

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

3.3. POPULAÇÃO POR SECTORES DE ATIVIDADE(%)

No concelho de Abrantes a preponderância do sector terciário na população ativa é evidente (figura 8).

É a freguesia de Bemposta que apresenta um valor superior para o sector primário, 22%, enquanto que a União de Freguesias de Abrantes e Alferrarede é a que apresenta um valor menor, 1%.

No sector secundário destacam-se as freguesias de Carvalhal e a União de freguesias de Alvega e Concavada (42%), a União de Freguesias de Abrantes e Alferrarede apresenta o menor valor, 24%.

Em relação ao sector terciário existe algum equilíbrio entre freguesias, no entanto, a União de Freguesias de Abrantes e Alferrarede destaca-se com um valor de 75% seguida da freguesia de Mouriscas com 70%, o valor baixo ocorre na freguesia de Bemposta, 43%.

A distribuição da população por sector de atividade revela o afastamento pelas atividades ligadas à agricultura e floresta especialmente na zona norte do concelho, comprometendo assim as intervenções e gestão que caracterizam estas atividades. É de realçar o trabalho desenvolvido pela autarquia e pela ZIF (Zona de Intervenção Florestal) de Aldeia de Mato na gestão do espaço florestal com a preocupação principal de defesa da floresta contra incêndio florestais e dos aglomerados populacionais.

FIGURA 8 - POPULAÇÃO POR SECTORES DE ATIVIDADE(%)

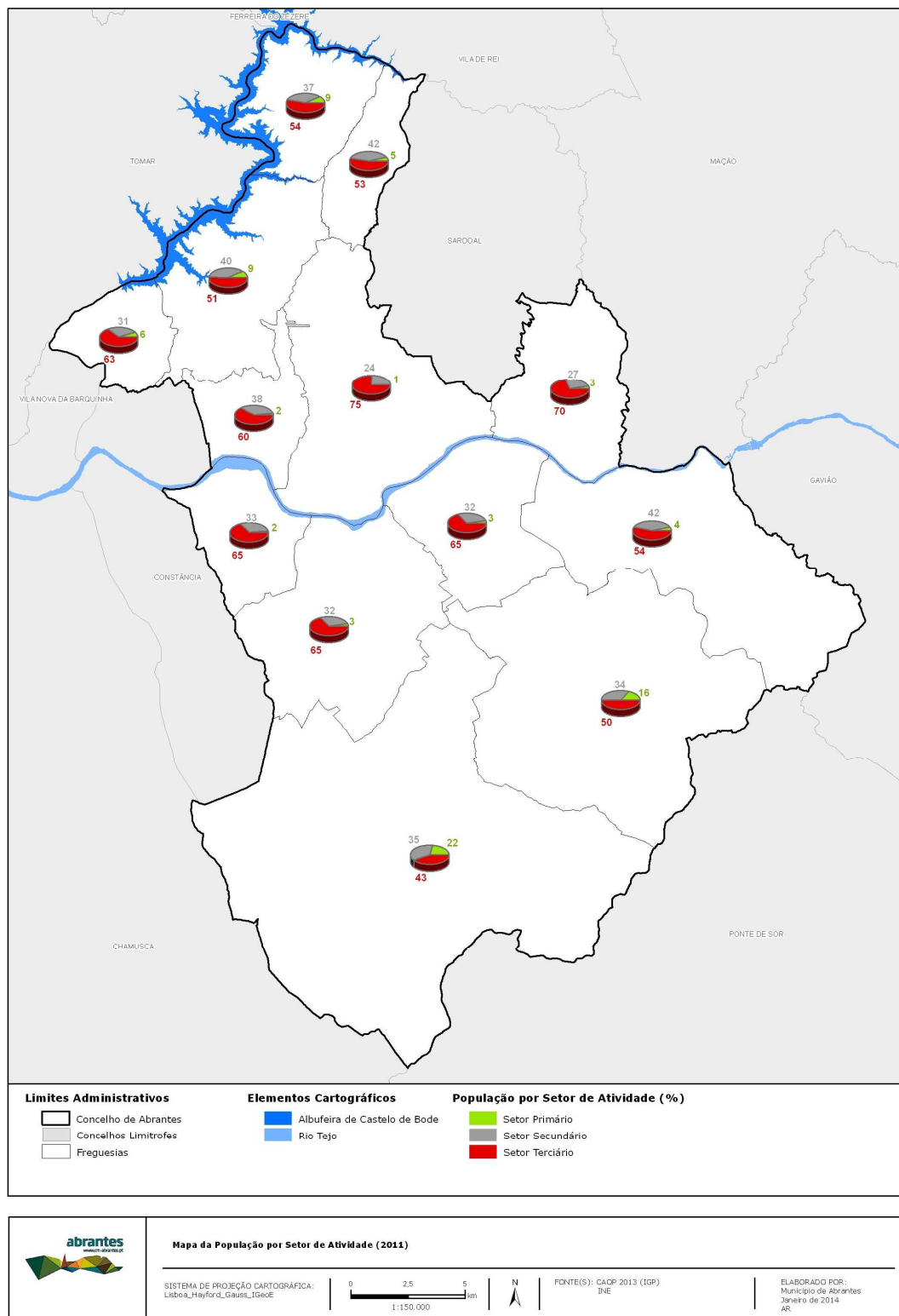
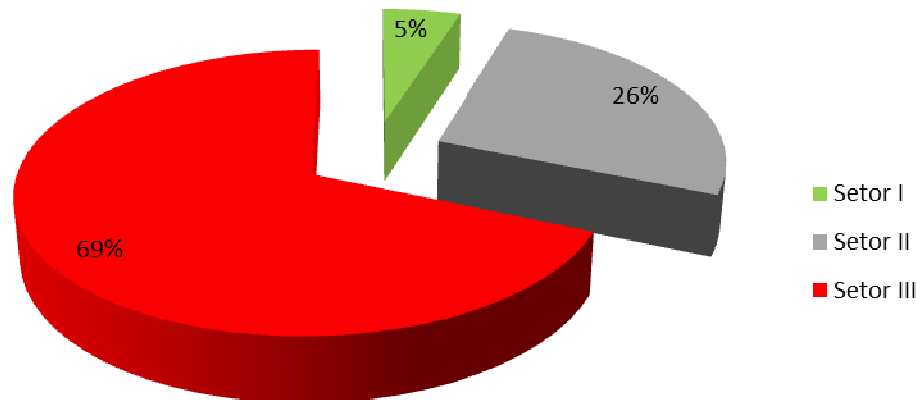
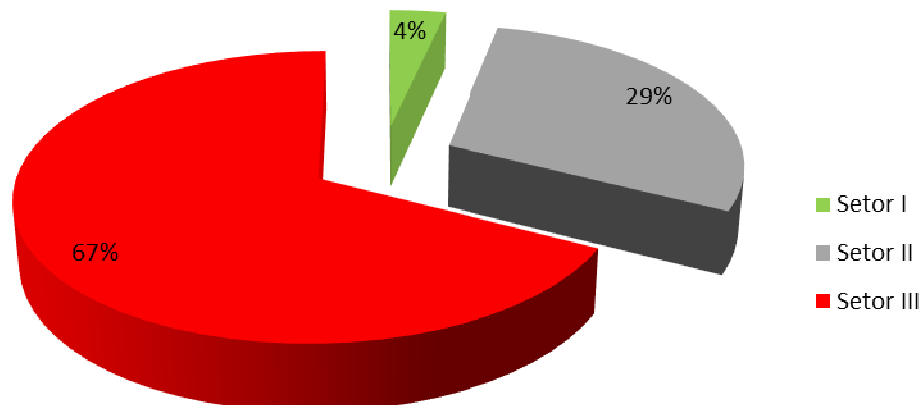


GRÁFICO 14 – PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE – DISTRITO DE SANTARÉM (2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

GRÁFICO 15 – PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE – CONCELHO DE ABRANTES (2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

TABELA 7 - PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE – (2011)

Freguesia	População Setor I	População Setor II	População Setor III
Aldeia do Mato e Souto	9%	40%	51%
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	1%	24%	75%
Alvega e Concovada	4%	42%	54%
Bemposta	22%	35%	43%
Carvalhal	5%	42%	53%
Fontes	9%	37%	54%
Martinchel	6%	31%	63%
Mouriscas	3%	27%	70%
Pego	3%	32%	65%
Rio de Moinhos	2%	38%	60%
São Facundo e Vale das Mós	16%	34%	50%
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	3%	32%	65%
Tramagal	2%	33%	65%

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

3.4. TAXA DE ANALFABETISMO

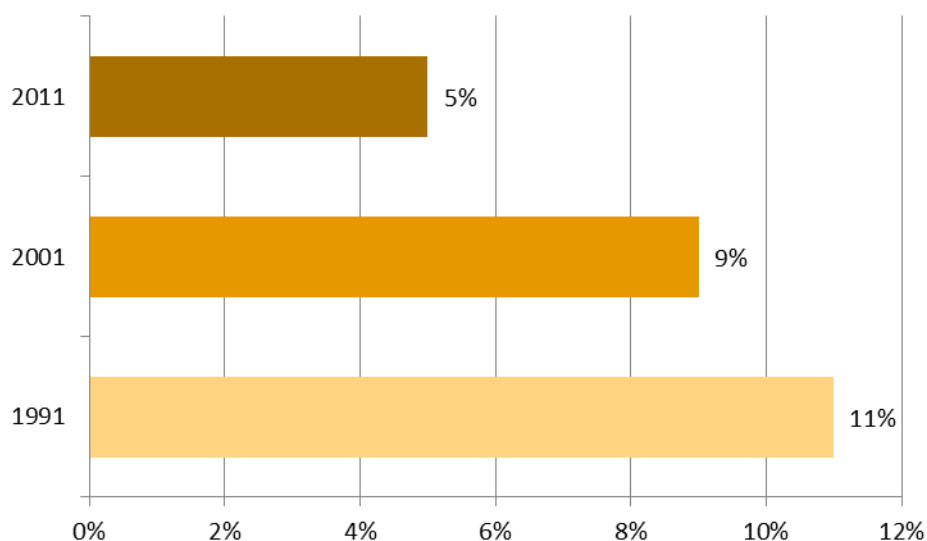
Na análise da taxa de analfabetismo no concelho de Abrantes verifica-se uma diminuição acentuada do número de habitantes sem habilitações no período 1991/2001/2011. A tabela 8 revela que todas as freguesias têm vindo a reduzir a taxa de analfabetismo, no entanto ainda sobressaem as freguesias de Bemposta e a União de Freguesias de São Facundo e Vale das Mós com uma taxa de 12%. É a União de freguesias Abrantes e Alferrarede que apresenta o menor valor com uma taxa de 4% (figura 9).

A taxa de analfabetismo no concelho de Abrantes é ligeiramente superior ao distrito e ao continente (gráfico 16 e 17).

Ainda é nas zonas mais rurais e afastadas da sede de concelho que a população apresenta uma maior escassez de conhecimentos. Este facto aliado a outros fatores resulta numa maior dificuldade

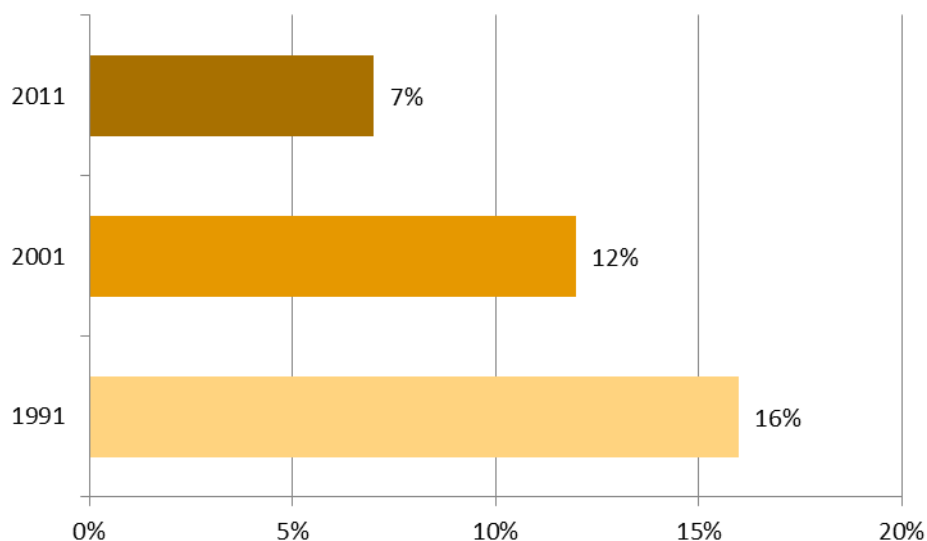
em aceitar atitudes de mudança, nomeadamente no que se refere à implementação das propostas de defesa da floresta contra incêndios.

GRÁFICO 16 – TAXA DE ANALFABETISMO - CONTINENTE (1991/2001/2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

GRÁFICO 17 – TAXA DE ANALFABETISMO – DISTRITO (1991/2001/2011)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

FIGURA 9 - TAXA DE ANALFABETISMO

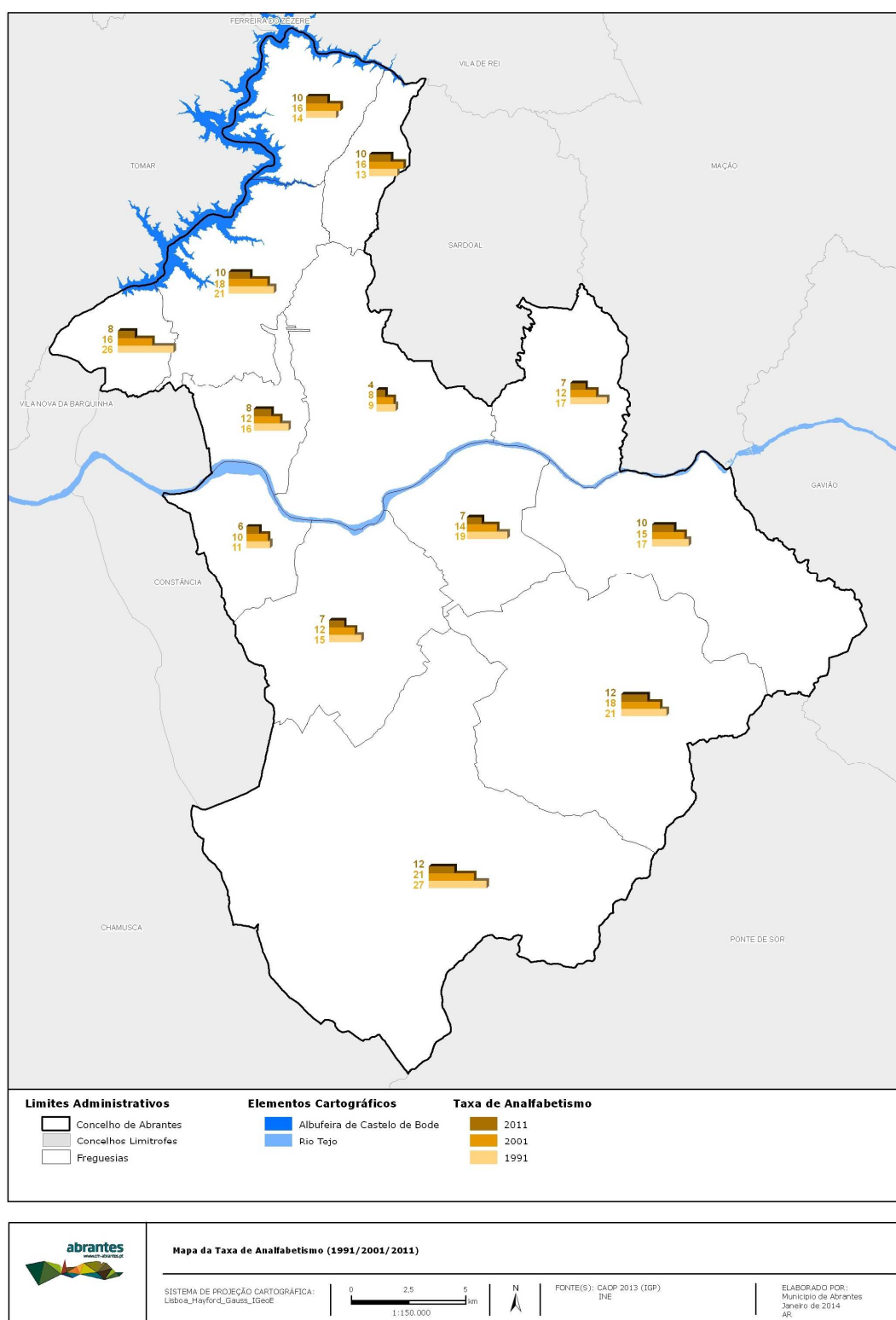


TABELA 8 - TAXA DE ANALFABETISMO (%) (1991/2001/2011)

Freguesia	1991	2001	2011
Aldeia do Mato e Souto	21	18	10
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	9	8	4
Alvega e Concavada	17	15	10
Bemposta	27	21	12
Carvalhal	13	16	10
Fontes	14	16	10
Martinchel	26	16	8
Mouriscas	17	12	7
Pego	19	14	7
Rio de Moinhos	16	12	8
São Facundo e Vale das Mós	21	18	12
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	15	12	7
Tramagal	11	10	6

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

3.5. ROMARIAS E FESTAS

A maior parte das romarias e festas do concelho de Abrantes realizam-se, por tradição, durante os fins-de-semana nos meses de Verão (tabela 9). Devido ao facto de este ser o período do ano em que se regista um maior número de incêndios, e, muitas destas celebrações ocorrerem junto a áreas florestais, a atuação dos meios de prevenção deverá ser dirigida no sentido de efetuar uma maior vigilância destes espaços (figura 10 e 11).

FIGURA 10 - ROMARIAS E FESTAS - DISTRIBUIÇÃO MENSAL

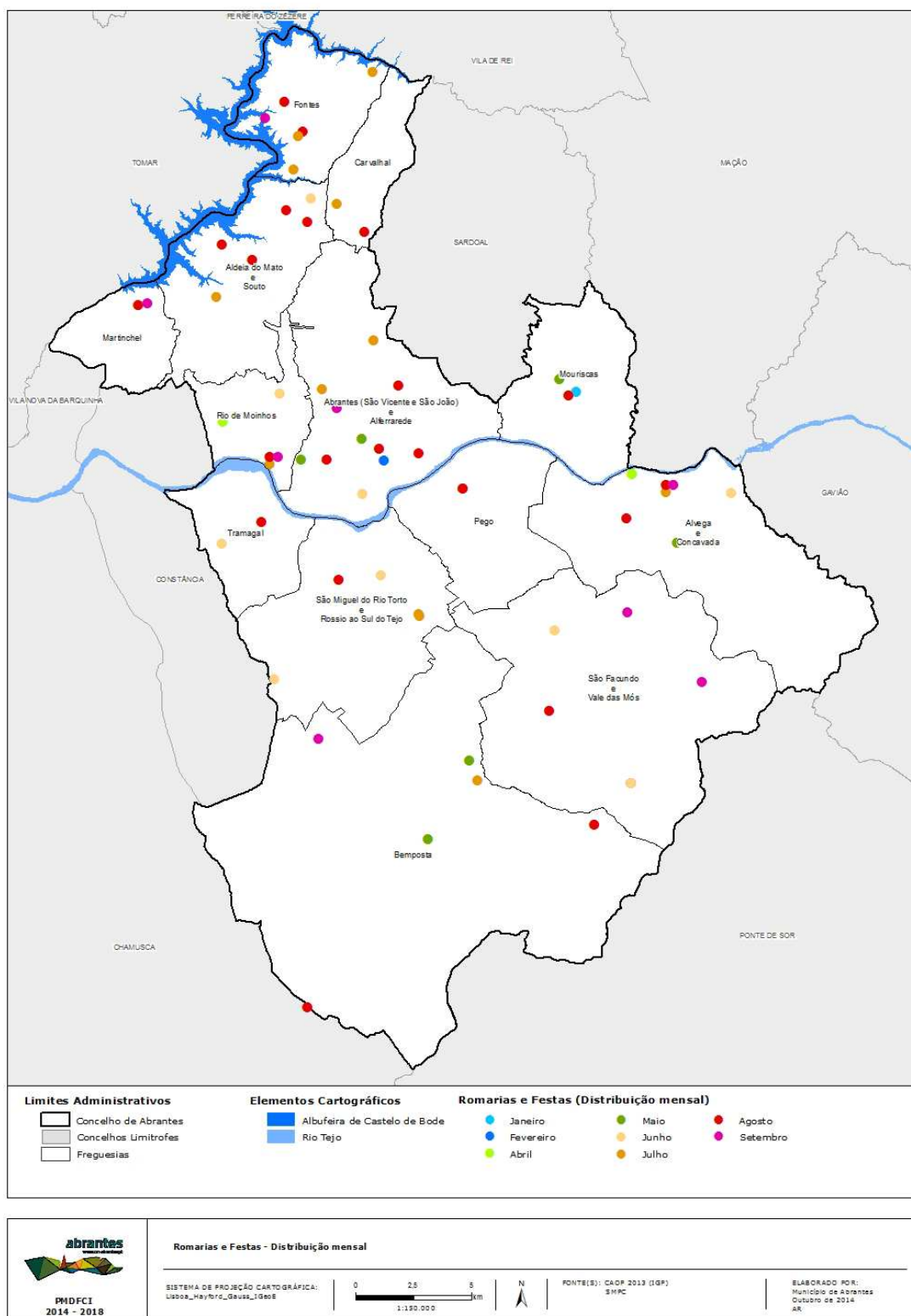


FIGURA 11 - ROMARIAS E FESTAS – RISCO POTENCIAL

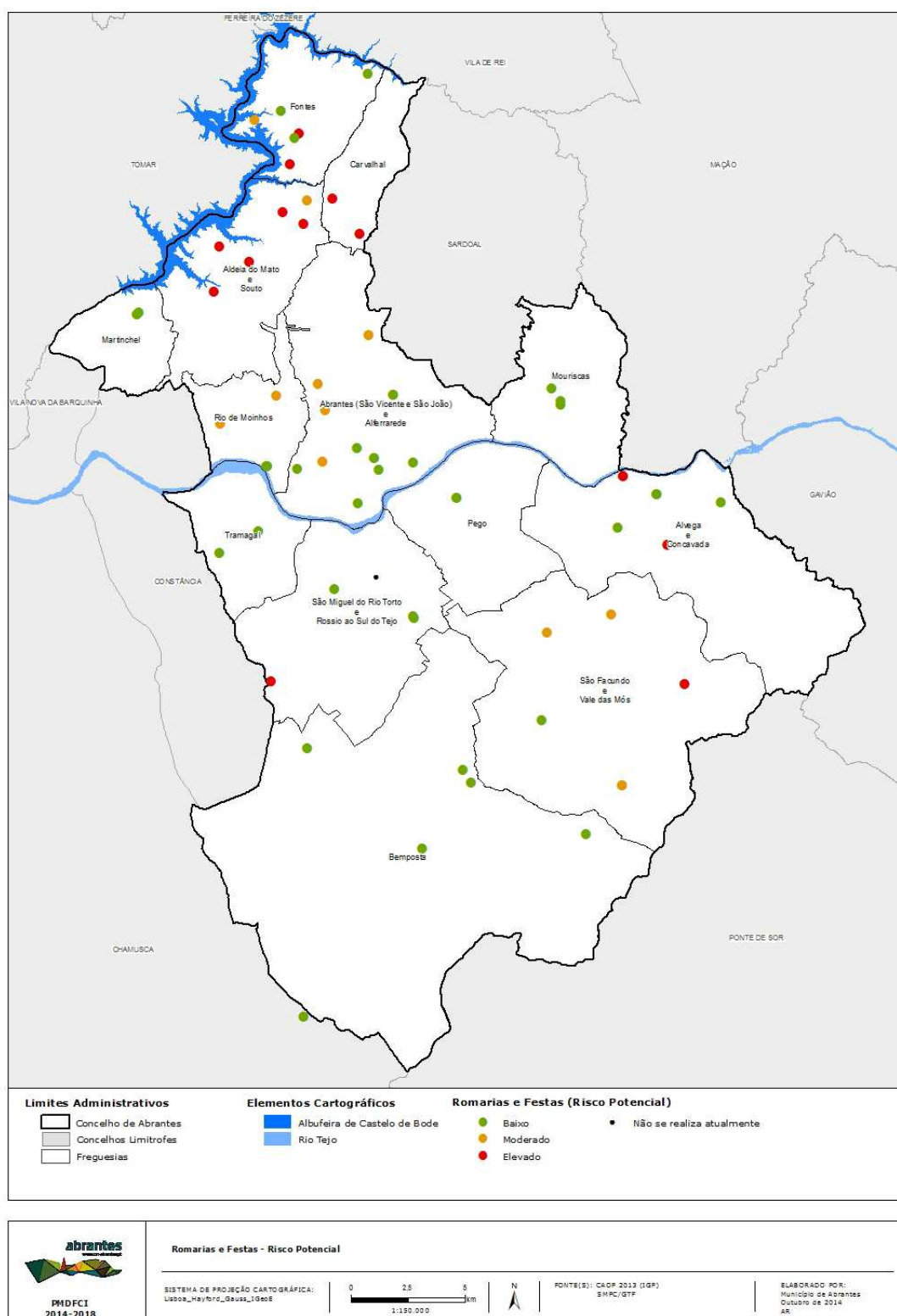


TABELA 9 - FESTAS E ROMARIAS

Freguesia	Localidade	Designação	Mês	Data	Periodicidade	Risco
Aldeia do Mato e Souto	Atalaia	Festa de Verão	Junho	Último fim de semana	Anual	Moderado
	Souto	Romaria de N. Srª do Tojo	Agosto		Anual	Elevado
	Souto	Festa de Verão	Agosto	3º fim de semana	Anual	Elevado
	Aldeia do Mato	Festa de St.ª Mª Madalena	Julho	Último fim de semana	Anual	Elevado
	Cabeça Gorda	Festa da Cabeça Gorda	Agosto	Último fim de semana	Anual	Elevado
	Carreira do Mato	Festa do Imaculado Coração de Maria	Agosto	2ª quinzena	Anual	Elevado
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	São Vicente	Festa de N. Srª das Graças	Maio		Anual	Baixo
	Abrançalha	Festa da Abrançalha	Maio/Junho	Último fim de semana de Maio/1º de Junho	Anual	Baixo
	Sentieiras	Festa de Sentieiras C. P. D. C.	Julho		Anual	Moderado
	Paul	Festa do Paul	Julho		Anual	Moderado
	São Lourenço	Festa de São Lourenço	Agosto e Setembro	Último fim de semana de Agosto e 1º de Setembro	Anual	Moderado
	São Vicente	Festa de N. Srª da Luz	Setembro	Dia 8	Anual	Moderado
	São João	Festas da Cidade	Junho	2ª semana	Anual	Baixo
	Alferrarede	Feira de São Matias	Fevereiro/Março	Final de Fevereiro ou início de Março	Anual	Baixo
	Casais de Revelhos	Festejos de São João	Junho	Dia 24	Anual	Baixo
	Alferrarede	Festa de São Pedro	Junho	Dia 29	Anual	Baixo
	Casais de Revelhos	Festa de N. Srª das Necessidades	Agosto	Dia 15	Anual	Baixo
	Alferrarede Velha	Festa de N. Srª do Imaculado Coração de Maria	Agosto	Dia 15	Anual	Baixo
	Alferrarede	Festa de N. Srª do Rosário	Agosto ou Setembro	Último fim de semana de Agosto ou 1º de Setembro	Anual	Baixo
Alvega e Concavada	Concavada	Festa do Srª dos Navegantes	Agosto	1º fim de semana	Anual	Baixo
	Concavada	Romaria de N. Srª da Guia	Março/Abril	2ª feira de Páscoa	Anual	Elevado
	Alvega	Festa de N. Srª da Guia	Março/Abril	2ª Feira de Páscoa	Anual	Elevado
	Tubaral	Festa do Tubaral	Maio e Junho	Fins de Maio e princípios de Junho	Anual	Elevado
	Casa Branca	Festa da Casa Branca	Junho	1ª e 2ª semana	Anual	Baixo

	Alvega	Festa de Alvega	Julho	1ª semana de Julho	Anual	Baixo
	Alvega	Festa de N. Srª dos Remédios	Agosto	Último domingo	Anual	Baixo
	Alvega	Feira Franca	Setembro	2º fim de semana	Anual	Baixo
Bemposta	Bemposta	Festa da Ascensão em honra de N. Srª do Rosário	Maio	5ª feira da Ascensão	Anual	Baixo
	Chaminé	Festa da Chaminé	Maio		Anual	Baixo
	Bemposta	Festa de St.ª Mª Madalena	Julho		Anual	Baixo
	Brunheirinho	Festa de Verão	Agosto	1º fim de semana	Anual	Baixo
	Foz	Festa de Verão	Agosto		Anual	Baixo
	Vale de Açor	Festa de Vale de Açor	Setembro		Anual	Baixo
Carvalhal	Carvalhal	Festa de N. Srª da Conceição	Agosto	2º fim de semana	Anual	Elevado
	Carril e Sobral Basto	Festas de Verão	Julho	1º fim de semana	Anual	Baixo
Fontes	Carrapatoso	Festa do Carrapatoso	Julho	1º fim de semana	Anual	Elevado
	Maxial	Festa do Maxial	Agosto	3º fim de semana	Anual	Baixo
	Fontes	Festa de N. Srª da Assunção	Agosto	Dia 15	Anual	Elevado
	Fontes	Festa da Associação para o Desenvolvimento e Solidariedade Social de Fontes	Julho	2º fim de semana	Anual	Baixo
	Água das Casas	Festa de Água das Casas	Julho	Último fim de semana	Anual	Baixo
	Portela	Festa em Portela	Setembro	1º fim de semana	Anual	Moderado
Martinchel	Martinchel	Festejos de Verão em honra do Sagrado Coração de Jesus	Junho	Final do mês	Anual	Baixo
	Martinchel	Festa de São Sebastião	Agosto	1º fim de semana	Anual	Baixo
	Martinchel	Festa de São Miguel	Setembro	Último fim de semana	Anual	Baixo
Mouriscas	Mouriscas	Festa de São Sebastião	Janeiro	Domingo mais próximo do dia 20	Anual	Baixo
	Ferrarias	Festa do Espírito Santo	Maio	Domingo do Espírito Santo	Anual	Baixo
	Mouriscas	Festas de Verão	Agosto	Dois últimos fins de semana	Anual	Baixo
Pego	Pego	Festa de N. Srª do Rosário	Agosto	Dia 15	Anual	Baixo
	Pego	Festas Populares	Agosto	1º e 2º fim de semana	Anual	Baixo
Rio de Moinhos	Amoreira	Festa da Pascoela (também chamada Festa da Armação do Pinheiro)	Março/Abril	Domingo de Pascoela	Anual	Moderado
	Pucariça	Festa de Santo António	Junho		Anual	Moderado
	Rio de Moinhos	Festa de Verão	Agosto		Anual	Baixo
	Rio de Moinhos	Festa de Santa Eufémia	Setembro	1º domingo	Anual	Baixo

	Rio de Moinhos	Encontro Anual dos Rios de Moinhos de Portugal	Julho		Roda por 6 freguesias com o mesmo topónimo	Baixo
São Facundo e Vale das Mós	São Facundo	Festa de São Facundo	Agosto	Penúltimo fim de semana	Anual	Baixo
	Vale de Zebrinho	Festa de Vale de Zebrinho	Junho	Último fim de semana	Anual	Moderado
	Barrada	Festa de N. Srª dos Aflitos	Setembro	2º fim de semana	Anual	Moderado
	Esteveira	Festa da Esteveira	Setembro	1º fim de semana	Anual	Elevado
	Vale das Mós	Verbenha de São João	Junho	Dia 24	Anual	Moderado
	Vale das Mós	Festa de N. Srª de Fátima	Agosto	Último fim de semana	Anual	Moderado
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	Bicas	Festa das Bicas	Junho		Anual	Elevado
	Arrifana	Festa da Arrifana	Junho	Não se realiza atualmente	Anual	
	Arreciadas	Festa de Arreciadas	Julho	2º fim de semana	Anual	Baixo
	Arreciadas	Casa do Povo	Julho	1º fim de semana	Anual	Baixo
	São Miguel do Rio Torto	Festa de São Miguel	Agosto	Dia 15	Anual	Baixo
Tramagal	Crucifixo	Festas da Sociedade União Crucificense	Junho	Último fim de semana	Anual	Baixo
	Tramagal	Festa (Romaria) de N. Srª da Oliveira	Agosto	Dia 15	Anual	Baixo

Fonte: <http://www.portalfreguesias.cm-abranter.pt/>

Enciclopédia das Festas Populares e Religiosas de Portugal, Catálogo de Festas, Feiras e Romarias Portuguesas, Volume 3, Filipe Costa Pinto

4. CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO, REDE FUNDAMENTAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E GESTÃO FLORESTAL

4.1. OCUPAÇÃO DO SOLO

Existem dois fatores que explicam o incremento da frequência e extensão dos incêndios nas últimas décadas: alterações no uso do solo e alterações climáticas.

O tema base para a análise da ocupação do solo foi a cartografia 1/10.000 datada de 1998 que foi sujeita a uma atualização. Procedeu-se a uma fotointerpretação, através de Ortos, com 20cm e 50cm de pixel, relativos às coberturas aéreas de 2010 e 2012, respetivamente. Por fim, realizaram-se os trabalhos de campo, visando fundamentalmente a identificação dos diferentes tipos de povoamentos florestais, e atestando o trabalho de gabinete, selecionando à partida “áreas dúvida” identificadas, concomitantemente com áreas de amostras por freguesia.

Todo o espaço florestado no território é classificado como extremamente sensível (classe I), do ponto de vista do risco de incêndio.

Os dados deste relatório permitem-nos concluir que o coberto florestal tem vindo a aumentar (figura 12 e tabela 10) devido a um progressivo abandono das áreas agrícolas. Esta situação é motivada por diversas razões, nomeadamente:

- Fatores de ordem social (alteração das características da população);
- Fatores de ordem económica (atividades pouco atrativas financeiramente e de retorno longo);

A agricultura do concelho assenta essencialmente no cultivo do olival, alguns pomares, vinha e cultura de milho.

Note-se que, a ocorrência de grandes incêndios (2003 e 2005), originou áreas de crescimento florestal difuso, onde não existe a preponderância de uma única espécie, originando áreas florestais abandonadas.

A ocupação do solo, apresenta um claro predomínio das áreas florestais (69%), seja a norte ou sul do concelho, possuindo características de povoamentos e de espécies diferentes, prevalecendo o eucalipto e o pinheiro a norte, e o montado como principal área a sul.

A área agrícola, 17%, surge associada principalmente aos aglomerados populacionais e linhas de água mais significativas, sendo de realçar os nateiros do Tejo, e as áreas de matos (7%).

GRÁFICO 18 – PERCENTAGEM DE OCUPAÇÃO DO SOLO

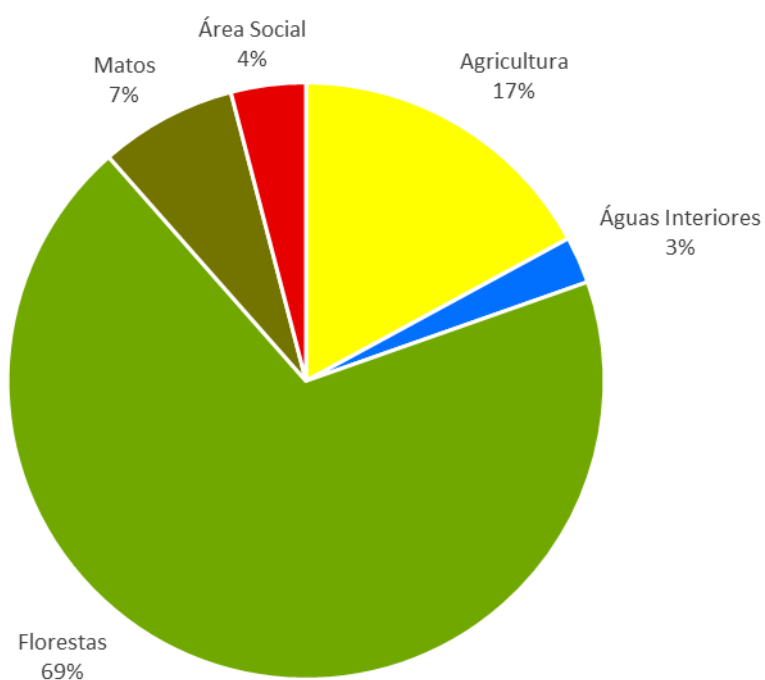


FIGURA 12 - OCUPAÇÃO DO SOLO

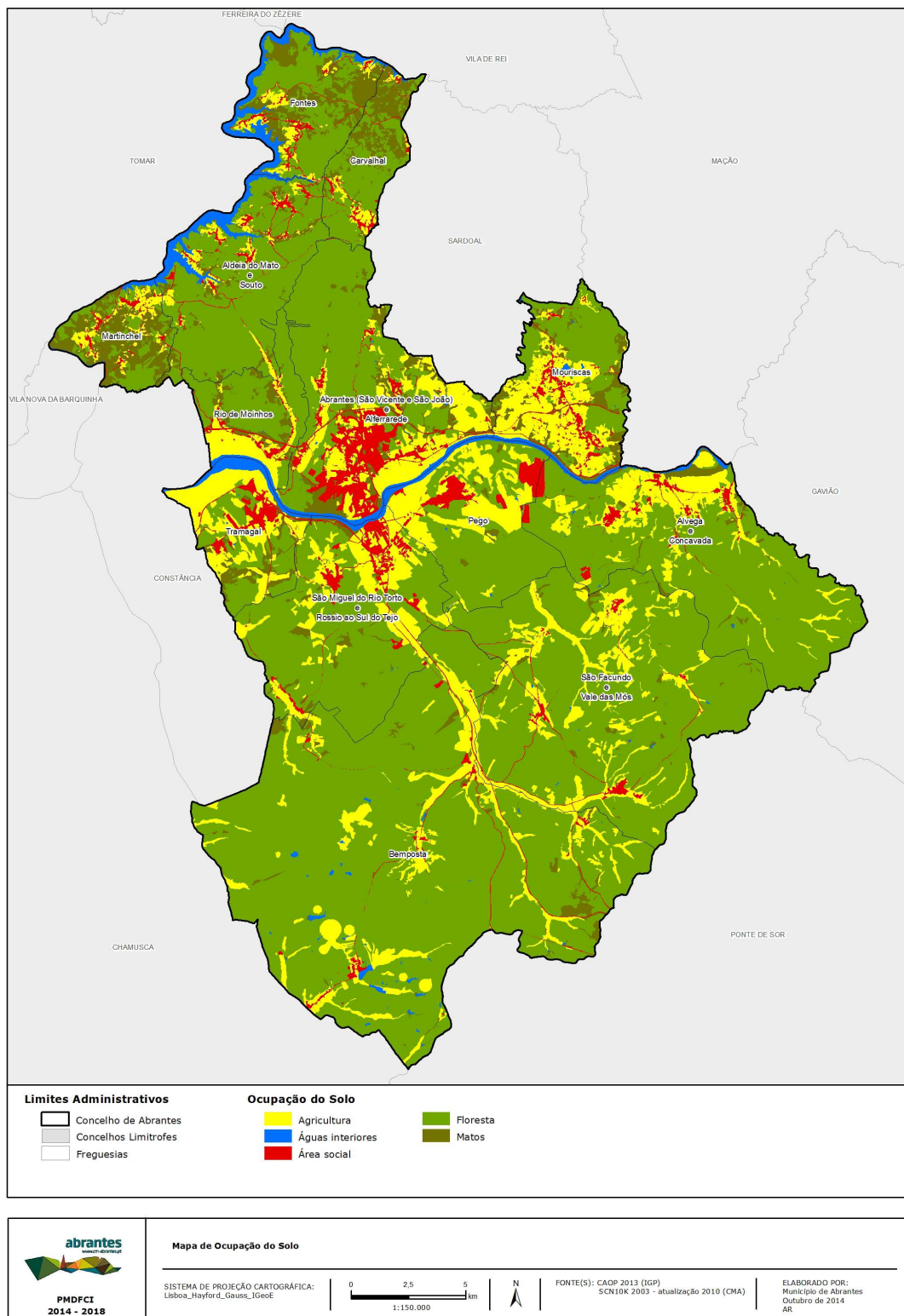


TABELA 10 - OCUPAÇÃO DO SOLO POR FREGUESIA

Freguesia	Ocupação do Solo	Hectares
Bemposta	Agricultura	2029,4
	Águas Interiores	117,9
	Florestas	16061,2
	Matos	371,3
	Área Social	165,6
TOTAL		18745,3
Carvalhal	Agricultura	109,1
	Águas Interiores	16,4
	Florestas	995,2
	Matos	557,0
	Área Social	75,9
TOTAL		1753,6
Fontes	Agricultura	216,8
	Águas Interiores	472,0
	Florestas	1311,0
	Matos	770,8
	Área Social	77,7
TOTAL		2848,3
Martinchel	Agricultura	216,4
	Águas Interiores	68,3
	Florestas	499,8
	Matos	838,5
	Área Social	83,8
TOTAL		1706,8
Mouriscas	Agricultura	1255,1
	Águas Interiores	86,4
	Florestas	1380,4
	Matos	543,2
	Área Social	236,5
TOTAL		3501,5
Pego	Agricultura	1099,5
	Águas Interiores	118,2
	Florestas	2046,2
	Matos	70,7
	Área Social	270,2
TOTAL		3604,8
Rio de Moinhos	Agricultura	423,5
	Águas Interiores	45,2
	Florestas	1203,5
	Matos	255,2
	Área Social	75,7
TOTAL		2003,1

Tramagal	Agricultura	964,6
	Águas Interiores	186,2
	Florestas	745,5
	Matos	291,7
	Área Social	221,4
TOTAL		2409,4
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	Agricultura	1505,0
	Águas Interiores	157,1
	Florestas	3223,7
	Matos	676,5
	Área Social	883,9
TOTAL		6446,2
Aldeia do Mato e Souto	Agricultura	252,9
	Águas Interiores	386,9
	Florestas	3362,0
	Matos	341,4
	Área Social	133,7
TOTAL		4476,9
Alvega e Concavada	Agricultura	1290,1
	Águas Interiores	97,6
	Florestas	5739,1
	Matos	224,6
	Área Social	232,2
TOTAL		7583,5
São Facundo e Vale das Mós	Agricultura	1603,1
	Águas Interiores	11,5
	Florestas	8600,3
	Matos	156,0
	Área Social	120,4
TOTAL		10491,3
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	Agricultura	1235,9
	Águas Interiores	53,3
	Florestas	4065,0
	Matos	216,7
	Área Social	322,3
TOTAL		5893,3

4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS

Em termos de ocupação florestal podemos salientar duas situações com alguma distinção, a norte do Tejo, onde predominam os povoamentos mistos (a grande maioria são de pinheiro bravo com eucalipto, seguem-se os povoamentos puros de pinheiro bravo); a sul do Tejo, verifica-se um incremento de povoamentos de eucaliptos mas a predominância é de zonas com sobreiros (figura 13 e tabela 11).

A maioria das áreas ocupadas por povoamentos mistos e povoamentos de pinheiro bravo resultam do processo de plantações efetuadas após a passagem dos grandes incêndios ocorridos no concelho. Em muitas situações, após os terrenos terem sido percorridos por incêndios verificou-se um abandono dos terrenos e a regeneração natural em que maioria destas áreas constituem povoamentos que nunca foram alvo de qualquer intervenção de ordenamento até à presente data. O resultado desta situação traduz-se numa acumulação significativa de combustível no terreno com continuidade vertical e horizontal, o que acarreta fortes implicações em termos de defesa da floresta contra incêndios.

No que se refere às espécies folhosas, a predominância recai sobre o eucalipto, esta espécie tem sido instalada mediante plantação e tem vindo a ocupar dois tipos de terreno, uns que outrora foram usados na agricultura e outros já referidos anteriormente: os que foram percorridos por incêndios. De um modo geral os povoamentos desta espécie são aqueles sobre os quais recaem maior intervenção pois estão dependentes de empresas que realizam uma cuidada gestão do território.

As áreas mistas comportam grande parte de matos e alguma regeneração natural de pinheiro bravo e eucalipto. São geralmente áreas sem intervenções por parte dos proprietários e que correspondem a zonas de acumulação de material combustível.

Como já referido, o concelho de Abrantes apresenta duas zonas distintas, para além do tipo de povoamento, também a dimensão da propriedade é diferente. A norte as propriedades com pequena dimensão, o que por si só constitui um entrave à implementação das novas políticas de redução de incêndios. Na zona sul do concelho a dimensão das propriedades é maior o que facilita a organização da defesa da floresta.

FIGURA 13 - POVOAMENTOS FLORESTAIS

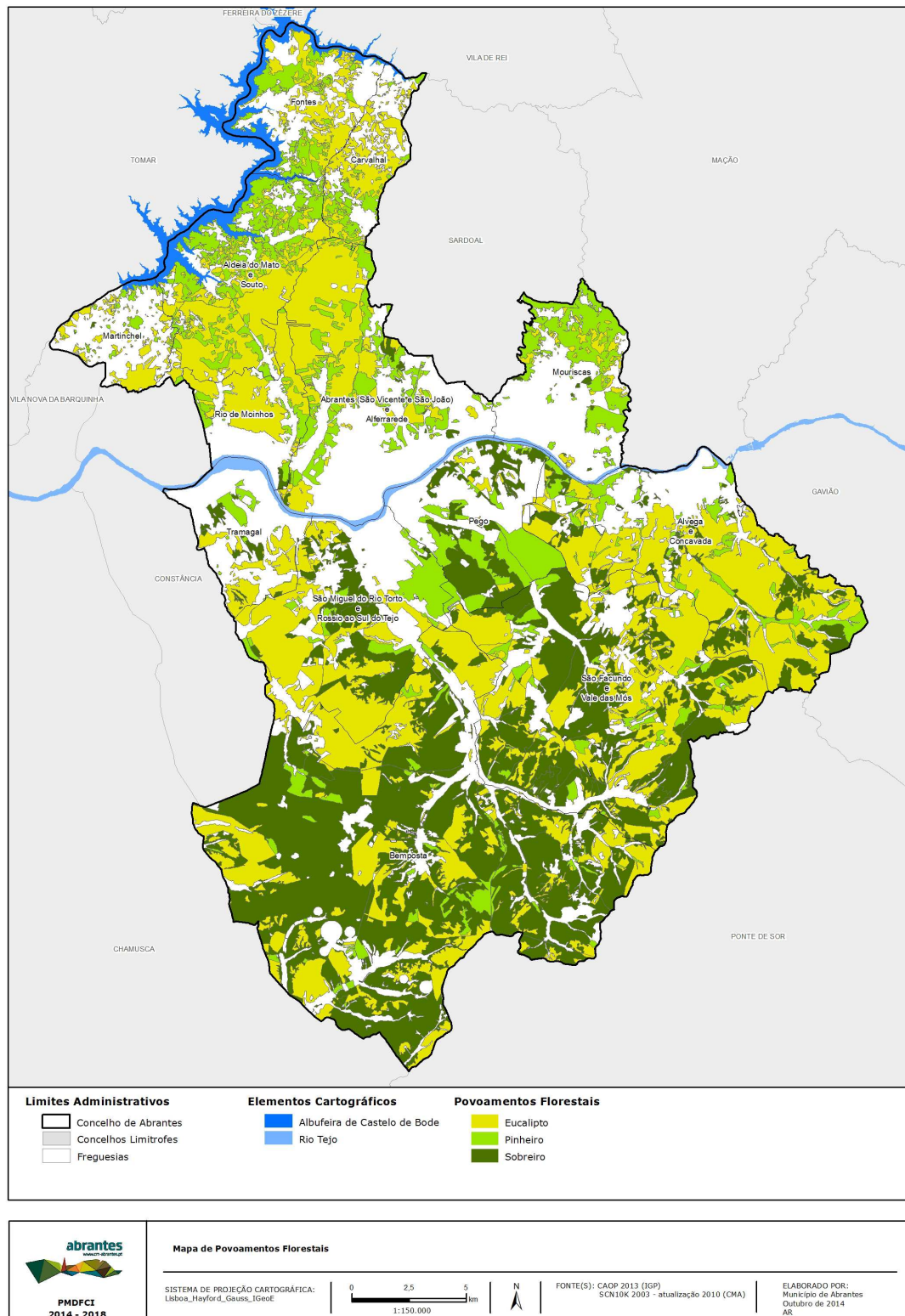


TABELA 11 - OCUPAÇÃO DO SOLO, POR FREGUESIA, POR POVOAMENTO FLORESTAL

Freguesia	Povoamento Florestal	Hectares
Bemposta	Eucalipto	4868,1
	Pinheiro	687,4
	Sobreiro	10454,1
TOTAL		16009,6
Carvalhal	Eucalipto	703,7
	Pinheiro	291,5
TOTAL		995,2
Fontes	Eucalipto	737,6
	Pinheiro	573,0
TOTAL		1310,6
Martinchel	Eucalipto	372,4
	Pinheiro	123,2
	Sobreiro	4,3
TOTAL		499,8
Mouriscas	Eucalipto	235,3
	Pinheiro	1113,1
	Sobreiro	32,0
TOTAL		1380,4
Pego	Eucalipto	89,2
	Pinheiro	991,3
	Sobreiro	951,7
TOTAL		2032,2
Rio de Moinhos	Eucalipto	951,2
	Pinheiro	230,6
	Sobreiro	21,7
TOTAL		1203,5
Tramagal	Eucalipto	473,7
	Pinheiro	136,6
	Sobreiro	135,2
TOTAL		745,6
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	Eucalipto	1972,3
	Pinheiro	1164,6
	Sobreiro	86,8
TOTAL		3223,7
Aldeia do Mato e Souto	Eucalipto	1868,5
	Pinheiro	1493,6
TOTAL		3362,0
Alvega e Concavada	Eucalipto	3944,8
	Pinheiro	801,2
	Sobreiro	957,5
TOTAL		5703,5
São Facundo e Vale das Mós	Eucalipto	3761,0
	Pinheiro	551,4

	Sobreiro	4221,4
TOTAL		8533,8
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	Eucalipto	2333,4
	Pinheiro	613,3
	Sobreiro	1084,7
TOTAL		94031,2

4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE+ZEC) E REGIME FLORESTAL

No território concelhio não estão presentes áreas que integrem a Rede Natura 2000, nem áreas classificadas como Áreas Protegidas.

A área da Albufeira de Castelo do Bode é abrangida por um plano específico de ordenamento do território que visa salvaguardar as suas margens e a qualidade das águas. O Plano de Ordenamento da Albufeira de Castelo do Bode (POACB) incide sobre o plano de água e respetiva zona de proteção, com uma largura de 500 m, contada a partir do nível de pleno armazenamento (cota de 121 m) e medida na horizontal. O ordenamento do plano de água e zona envolvente procura conciliar a forte procura desta área com a conservação dos valores ambientais e ecológicos e, principalmente, a preservação da qualidade da água, bem como o aproveitamento dos recursos através de uma abordagem integrada das potencialidades e das limitações do meio, com vista à definição de um modelo de desenvolvimento sustentável para o território.(Resolução do Conselho de Ministros n.º 69/2003).

4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL

O norte do concelho de Abrantes apresenta uma estrutura de minifúndio. Este tipo de estrutura aliada a uma mentalidade resistente a mudanças traduz-se em dificuldades acrescidas na implementação dos instrumentos de gestão florestal.

No sentido de inverter esta situação, a lei de bases da política florestal prevê, entre outros, benefícios e incentivos fiscais às seguintes ações:

- Associativismo das explorações florestais
- Ações de emparcelamento florestal
- Ações tendentes a evitarem o fracionamento da propriedade florestal

- O autofinanciamento do investimento florestal, nomeadamente no domínio da prevenção ativa dos incêndios florestais.

Os planos de gestão florestal (PGF) são um instrumento básico de ordenamento das explorações. Regulam as intervenções de natureza cultural e/ou de exploração e visam a produção sustentada dos bens ou serviços originados em espaços florestais. O plano regional de ordenamento florestal do Ribatejo estabelece que explorações com área mínima de 25 hectares nas freguesias a norte do Tejo e 100 hectares nas freguesias a sul do Tejo terão de ser sujeitas à elaboração de um PGF.

4.4.1. ZIF DE ALDEIA DO MATO

Na área do concelho de Abrantes existe uma zona de intervenção florestal - ZIF de Aldeia do Mato. Possui uma área total de 3.254,436 hectares, abrange a União de Freguesias de Aldeia do Mato e Souto, e parte das freguesias de Rio de Moinhos e Martinchel (figura 14).

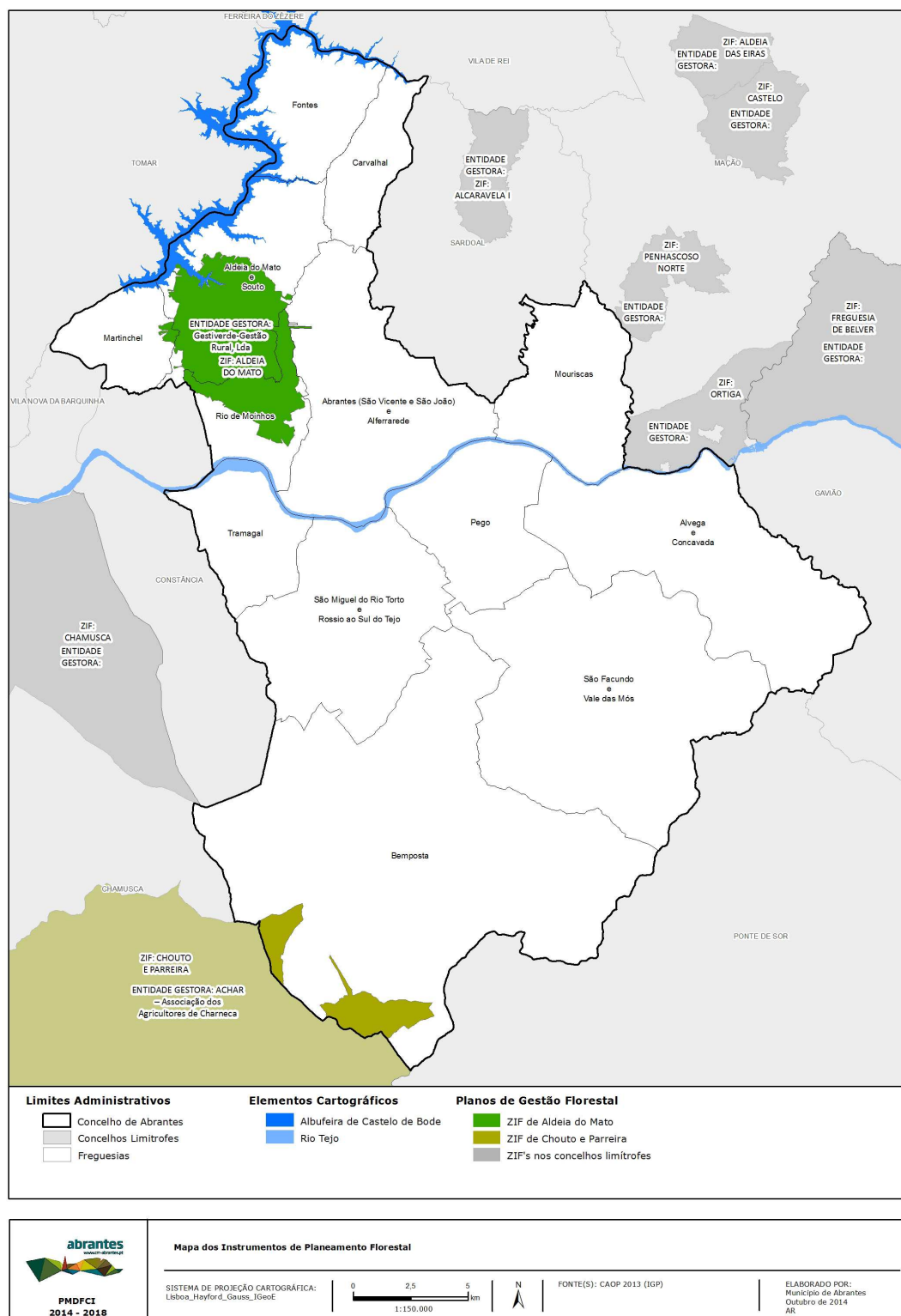
A ZIF tem os seguinte objetivos:

- Proteger eficazmente as áreas florestais e os espaços rurais associados
- Fomentar a recuperação dos espaços florestais e naturais afetados por incêndios
- Dar coerência territorial e eficácia aos diferentes instrumentos de ordenamento e à ação de todos aqueles que intervêm no respetivo espaço florestal
- Minimizar as condições de ignição e propagação de incêndios.

A ZIF tem sido um parceiro importante na implementação das medidas de proteção da floresta contra incêndios no território onde está implantada.

É de referir ainda na zona sul do concelho a existência de uma parcela de terreno que pertence à ZIF de Chouto e Parreira, em que a entidade gestora é a ACHAR-Chamusca.

FIGURA 14 - INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL



4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E DE PESCA

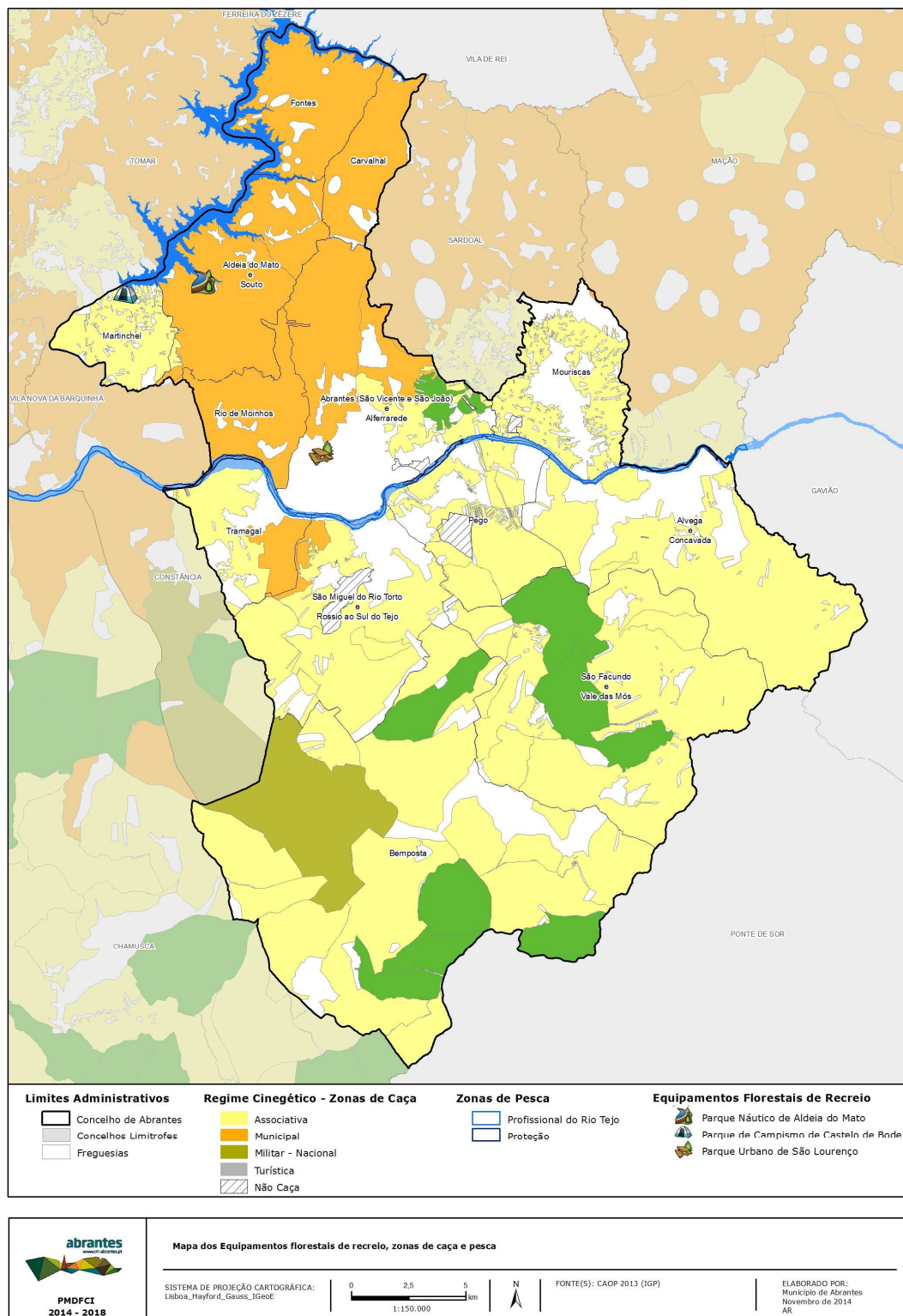
O concelho de Abrantes tem vindo a apostar no seu potencial florestal. A floresta assume um papel preponderante no âmbito dos recursos naturais, destaca-se pelo seu elevado valor ecológico, económico e social. As suas funções repercutem-se na produção de um vastíssimo número de bens. Além desses bens, a floresta exerce influência na regularização dos regimes hídricos, diminuição dos teores de dióxido de carbono na atmosfera, proteção do solo, habitat de animais, lazer, entre muitos outros.

No concelho existem diversos espaços dedicados ao recreio. Praias fluviais: praia fluvial de Aldeia do Mato (mas também toda a margem da Albufeira do Castelo de Bode) e a praia fluvial de Alvega. Parque de merendas: Parque Urbano de S. Lourenço. Miradouro: das Fontes. Trilhos pedestres e BTT: Rota do Tejo, Rota do Zêzere e Rota do Pico do Coelho.

Um dos importantes recursos ligados à floresta é a atividade relacionada com caça e pesca que mediante as diversas formas de ordenamento do território, contribui para a gestão das espécies nas respetivas zonas de caça e pesca.

O concelho de Abrantes, cinegeticamente está ordenado a 100%, existindo zonas de caça de âmbito Nacional, Associativas, Municipais e Turistas e zona de não caça, conta com uma zona de pesca desportiva (em elaboração), uma zona de pesca profissional e uma zona de proteção no rio Tejo.

FIGURA 15 - EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E DE PESCA



5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CASUALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

5.1. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO

O concelho de Abrantes é predominantemente florestal, prevalecendo o eucalipto e o pinheiro a norte, e o montado como principal área a sul.

Os incêndios florestais são um fenómeno próprio de várias regiões, designadamente as que apresentam um clima com características mediterrânicas, como é o caso do nosso país. A junção do período correspondente à época mais seca do ano com a época mais quente faz com que se reúnam nestas regiões, condições propícias para a ignição e propagação de incêndios.

A partir da década de 70 houve um abandono progressivo dos meios rurais e das práticas agrícolas, as quais, devido à recolha frequente de mato e à permanência constante do gado, permitiam que os espaços rurais fossem bastante menos suscetíveis à deflagração de incêndios de grande intensidade. Outra razão é o aumento importante de incêndios de origem desconhecida, ateados com motivações diversas.

5.1.1. ANUAL

Na figura 16 estão representadas as áreas ardidas por ano no concelho de Abrantes no período 2000 – 2013, pela sua análise verifica-se que o ano de 2003 é um ano sem precedentes em termos de área ardida, muito por culpa do incêndio do dia 2 de agosto onde no concelho arderam 14.053 hectares, seguido pelo ano de 2005 com 6.838 hectares.

No último quinquénio analisado (2007-2011) a área ardida apresenta os valores mais baixos do período analisado, evidenciando-se um decréscimo. Em 2010, de acordo com os dados apresentados a área florestal ardida foi de quase 5 hectares (gráfico 19).

Podemos observar (gráfico 19) que o período 1995-2001 foi crítico em relação ao número de ocorrências (registaram-se mais de 100 ocorrências/ano, à exceção de 1997). Em relação à área ardida, não existe uma relação constante com o número de ocorrências. O número de ocorrências tem vindo a diminuir, após o período 1995-2001 segue-se um decréscimo para uma média de 70 ocorrências/ano, e novo decréscimo para uma média de 30 ocorrências/ano para o último quinquénio analisado.

Fica assim bem evidente a necessária vigilância e 1.ª intervenção eficazes para que as ignições nunca cheguem a grandes incêndios.

FIGURA 16 - ÁREA ARDIDA (2000-2013)

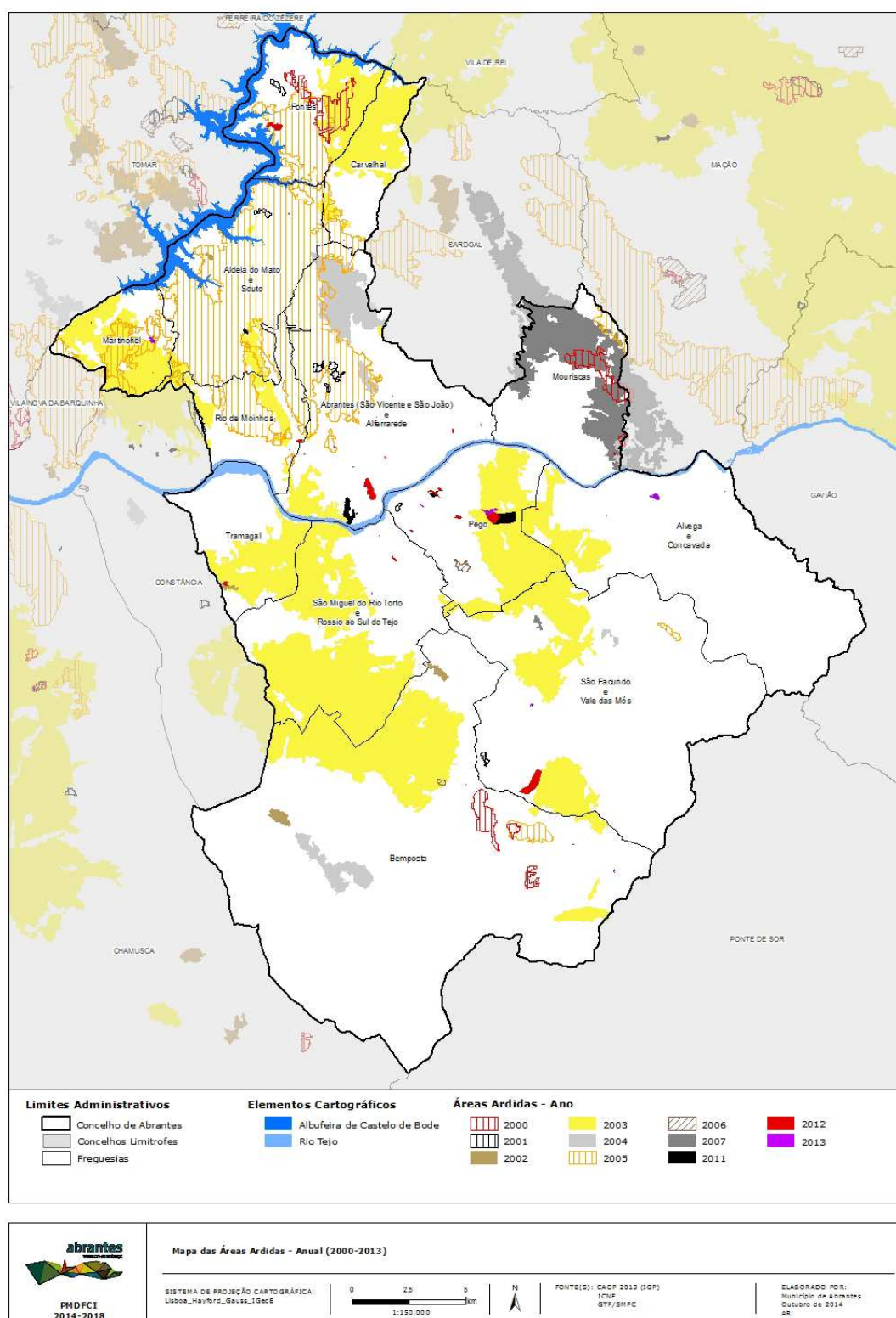
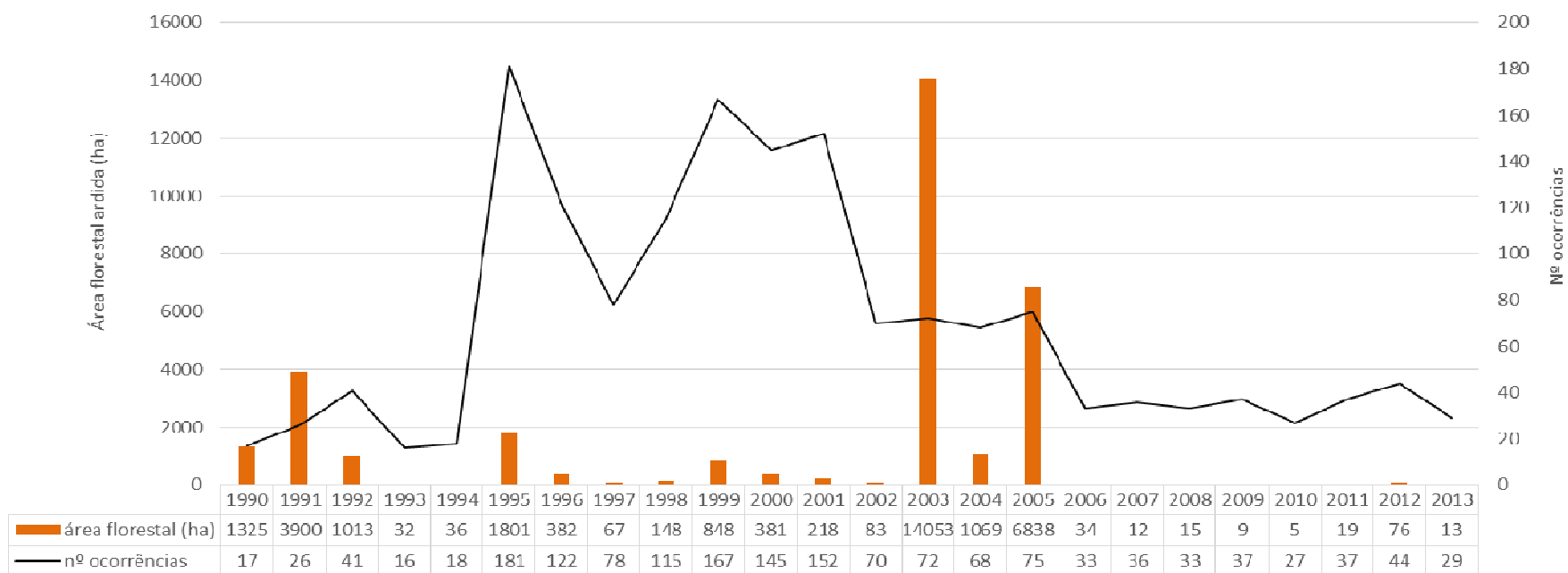
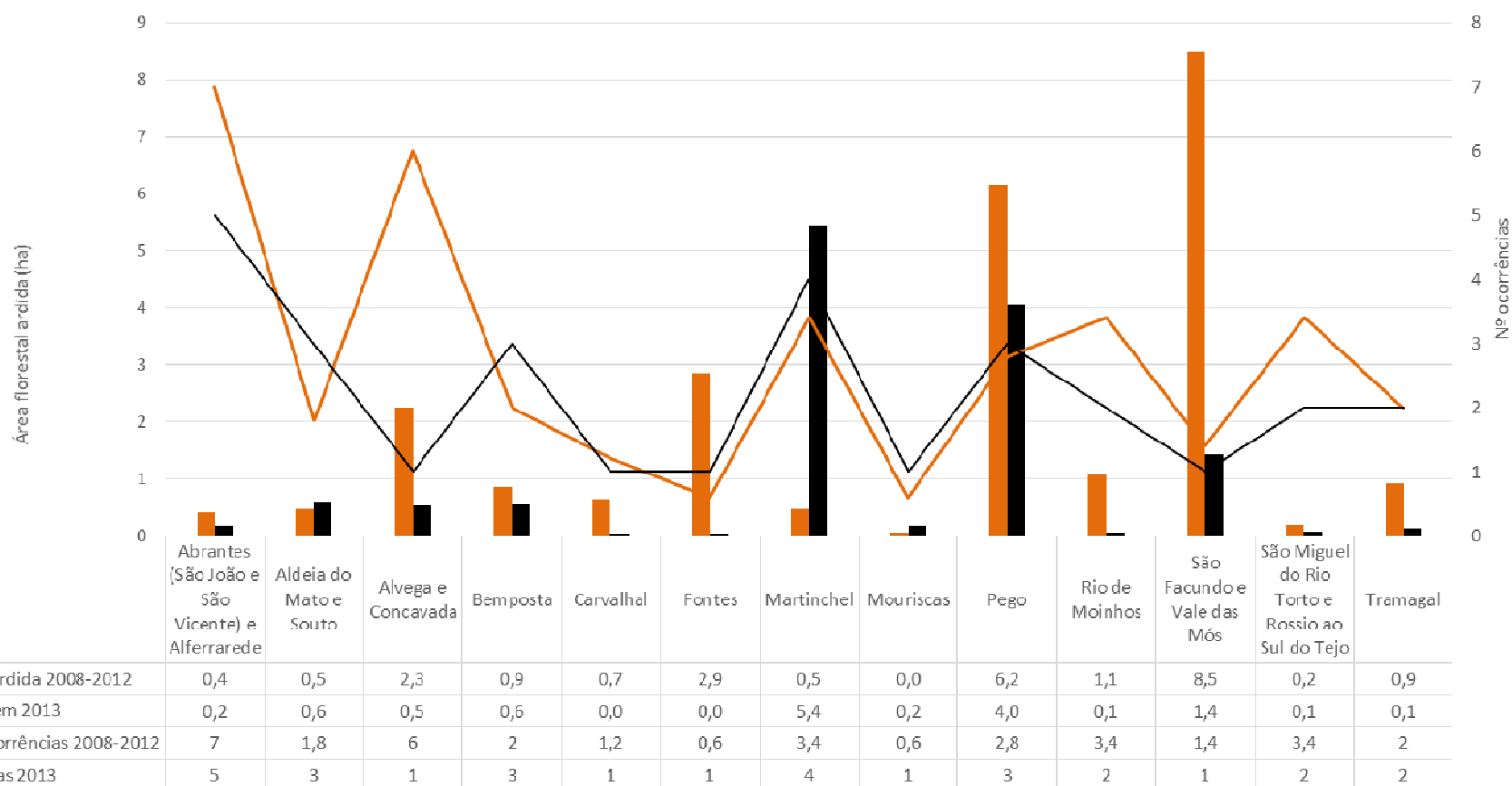


GRÁFICO 19 – DISTRIBUIÇÃO ANUAL DA ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE Ocorrências (1990-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 20 – DISTRIBUIÇÃO ANUAL DA ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS, POR FREGUESIA (2008-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

A área ardida em 2013 nas freguesias de Carvalhal e Fontes é nula, a freguesia mais atingida é Martinchel seguida do Pego. Em relação às ocorrências verifica-se uma forte incidência na União de Freguesias Abrantes e Alferrarede, Martinchel e Pego. É de realçar a diminuição significativa de ocorrências neste período de estudo.

Na análise do quinquénio 2008 – 2012, a União de Freguesias de Abrantes e Alferrarede e a União de Freguesias Alvega e Concavada são as mais atingidas em número de ocorrências. Quanto à área ardida são as freguesias de Pego, Fontes e a União de Freguesias de São Facundo e Vale das Mós que sobressaem em relação às restantes (gráfico 20).

5.1.2. MENSAL

Na análise do gráfico 21 identificam-se os meses mais favoráveis para a ocorrência de incêndios florestais, são os que coincidem com a época mais quente (maio, junho, julho, agosto e setembro). Os meses de julho e agosto correspondem ao período de maior número de ocorrências e de área ardida.

Por este facto na época de maior perigo de incêndio intensificam-se as ações de vigilância e defesa da floresta contra incêndios florestais, pondo-se em prática o Plano Operacional Municipal.

5.1.3. SEMANAL

Na análise ao gráfico 22 - Distribuição semanal da área ardida e nº de ocorrências, com base nos valores da média 1990-2012, verificamos que o dia mais crítico para a ocorrência de incêndios é o sábado.

Na análise ao ano 2013 verifica-se que a quinta-feira apresenta o maior número de ocorrências no entanto com uma baixa área ardida. É a sexta-feira que apresenta a maior área ardida.

5.1.4. DIÁRIA

Na análise ao gráfico 23 verifica-se que os dias que apresentam a maior área ardida são os dos meses de agosto e setembro. O dia 2 de agosto de 2003 é exemplo disso. Quanto à distribuição de ocorrências, não se regista qualquer padrão, ocorrendo de forma aleatória.

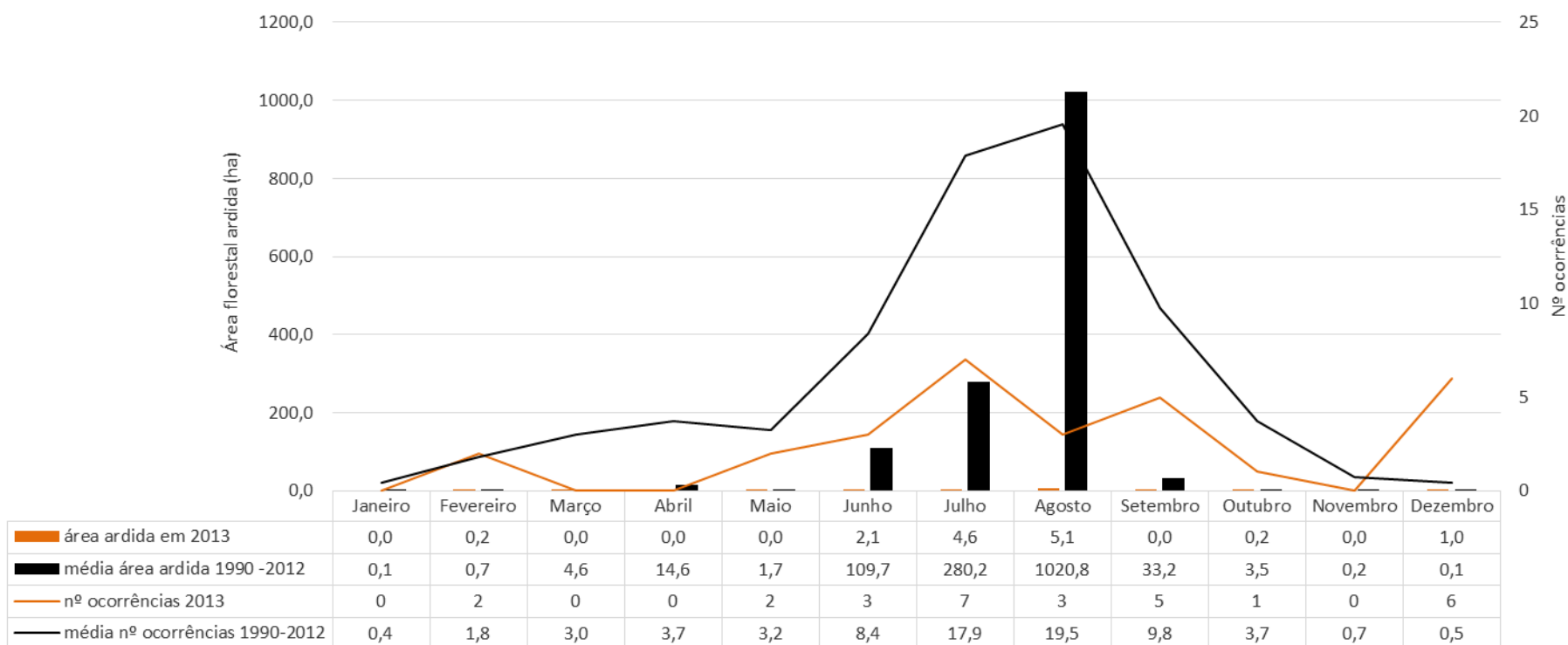
5.1.5. HORÁRIA

Na análise ao gráfico 24 verifica-se que a distribuição horária da área ardida e n.º de ocorrências entre 1990 e 2013 apresenta um período crítico entre as 09.00h e as 20.00h. É neste período que se fazem sentir as condições mais propícias à ocorrência de incêndios (temperatura mais elevada e humidade mais baixa).

No entanto o período máximo crítico é entre as 15.00 e as 16.00 horas onde se verificaram 348 ocorrências e 22.766 hectares ardidos.

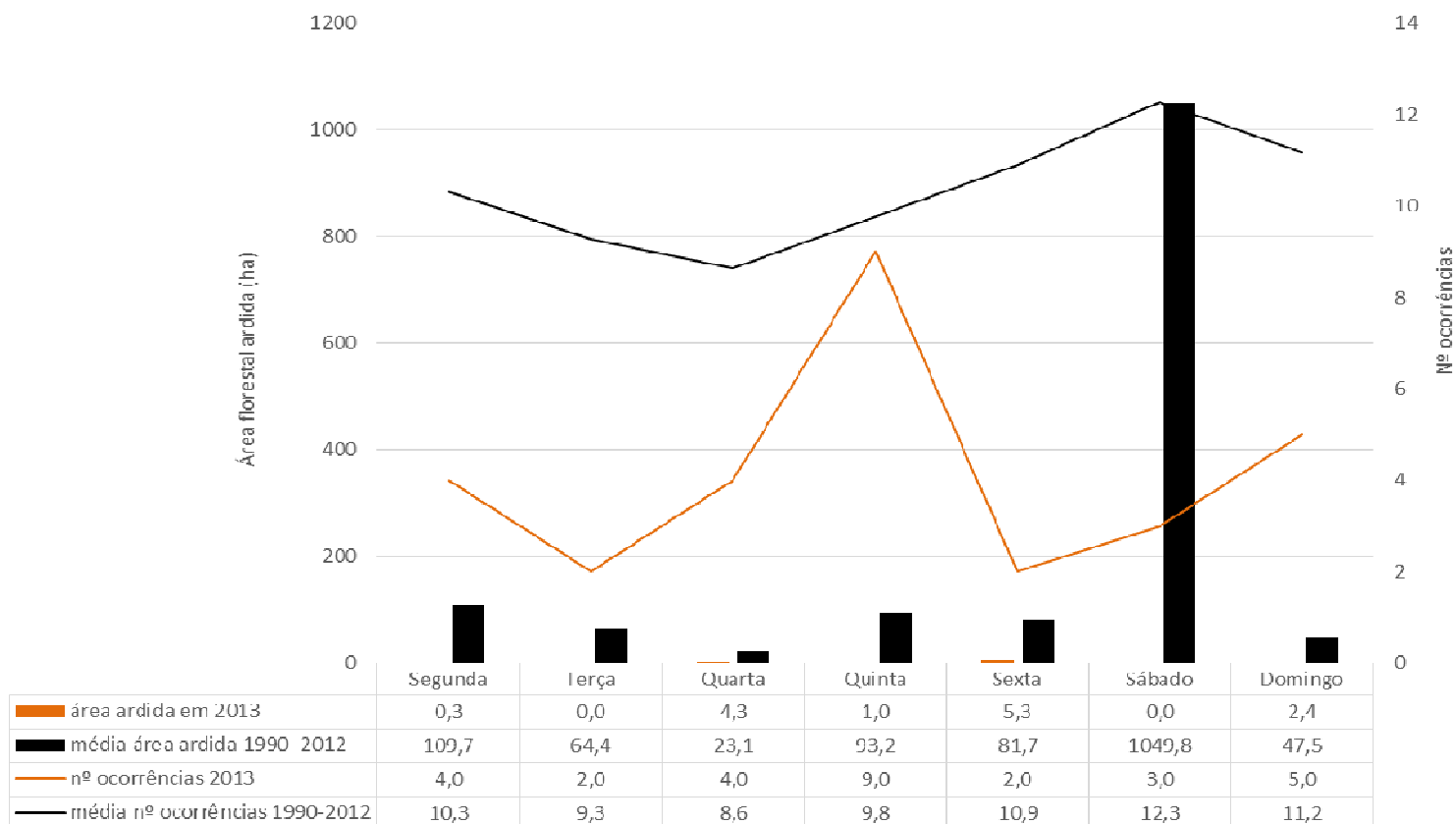
Face a estas condições, é neste período que são reforçados os meios de vigilância e deteção, inicia-se normalmente o pré posicionalmente de meios, primeira intervenção, e combate.

GRÁFICO 21 – DISTRIBUIÇÃO MENSAL DA ÁREA ARDIDA E DO NÚMERO DE OCORRÊNCIAS EM 2013 E MÉDIA 1990-2012



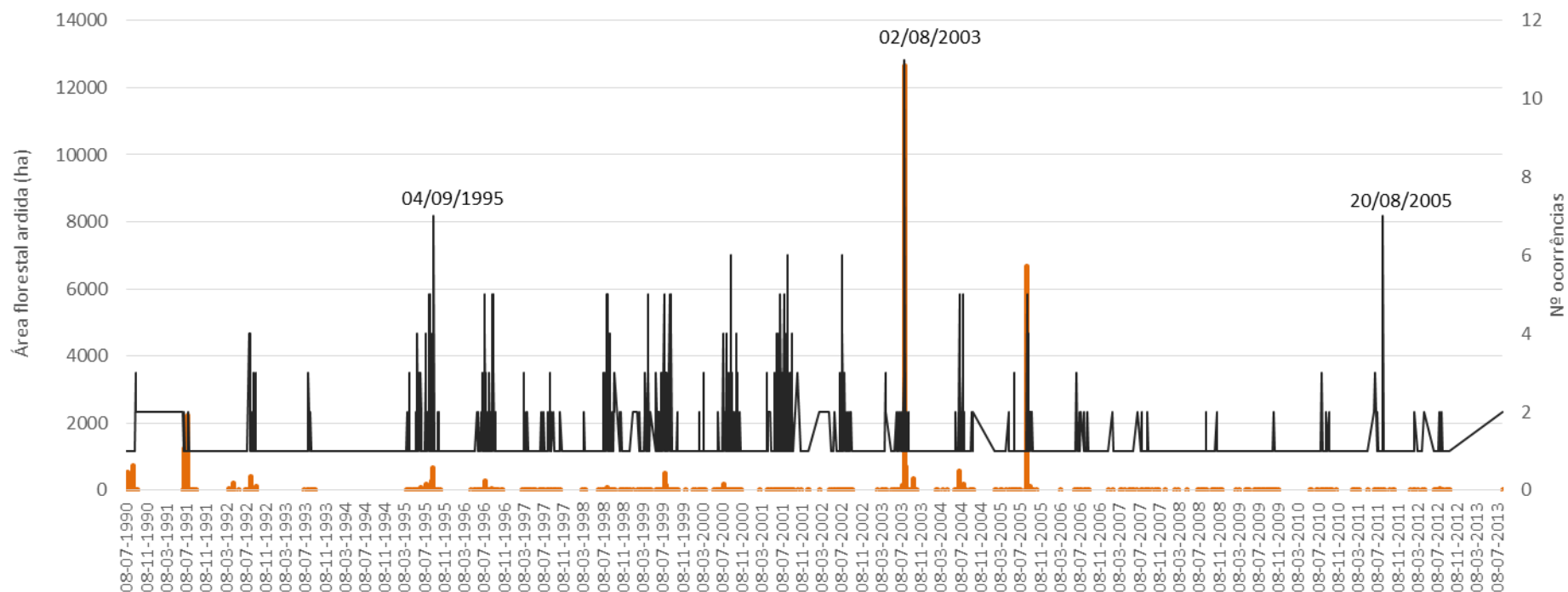
Fonte: <http://www.icnf.pt/porta/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 22 – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DA ÁREA ARDIDA E DO NÚMERO DE OCORRÊNCIAS (1990-2012)



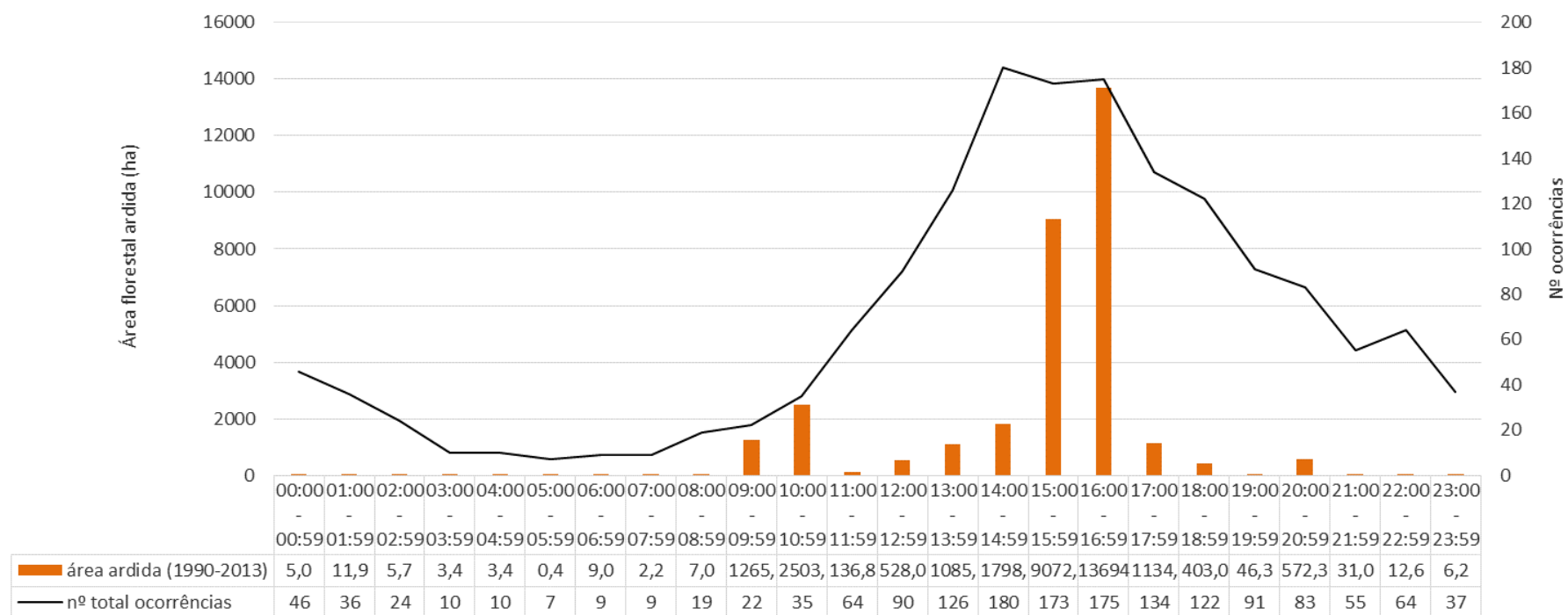
Fonte: <http://www.icnf.pt/porta/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 23 – DIÁRIO ACUMULADO 1990-2013



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 24 – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA DA ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS (1990-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/porta/florestas/dfci/inc/estatisticas>

5.2. ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS

Na análise ao gráfico 25 - Distribuição da área ardida em espaços florestais entre 1990 e 2013, verifica-se que a percentagem de área ardida em matos é bastante reduzida. Os anos de 2003 e 2005 são os que apresentam maior valor de área ardida em povoamentos.

5.3. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO

Não existe relação direta entre a área ardida e número de ocorrências, a área ardida originada pelos grandes incêndios não apresenta qualquer relação com o número de ocorrências.

No período 1990-2013, 1268 ocorrências registadas deram origem a incêndios com menos de 1 ha, apenas 30 ocorrências deram origem a uma área ardida de 30.020 ha.

A rápida deteção de um incêndio e a primeira intervenção assumem um papel preponderante no sentido de inviabilizar que uma pequena ignição se transforme num grande incêndio.

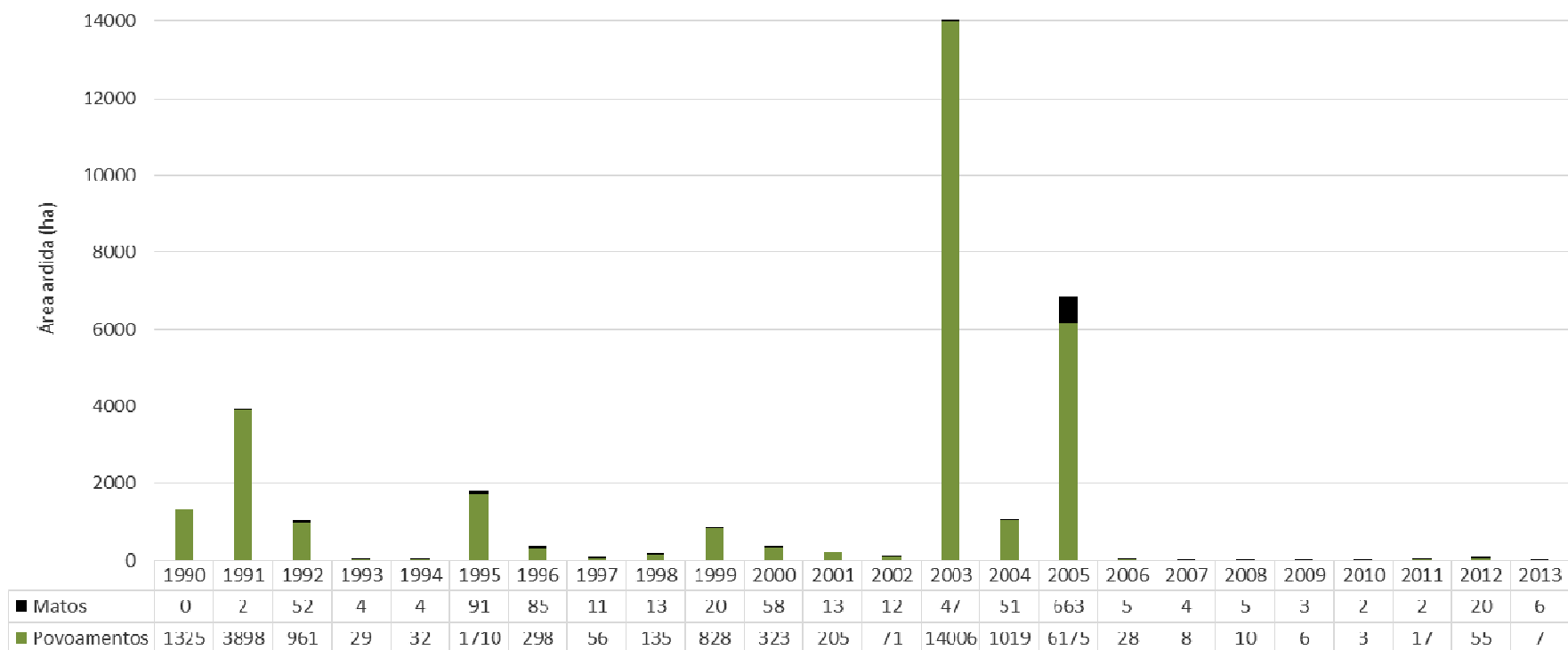
5.4. PONTOS PROVÁVEIS DE INÍCIO E CAUSAS

A figura 17 permite verificar a existência de uma tendência de concentração de pontos de início de incêndio junto às principais vias de comunicação que atravessam o território, nomeadamente, a E.N. 118, E.N. 2, E.N. 358 e algumas estradas municipais.

Relativamente à distribuição das causas dos incêndios (tabela 12) dos 683 incêndios investigados, 511 são de origem indeterminada (desconhecida, inclui-se aqui as naturais), 21 acidentais, 16 por uso do fogo, 135 incendiarismo.

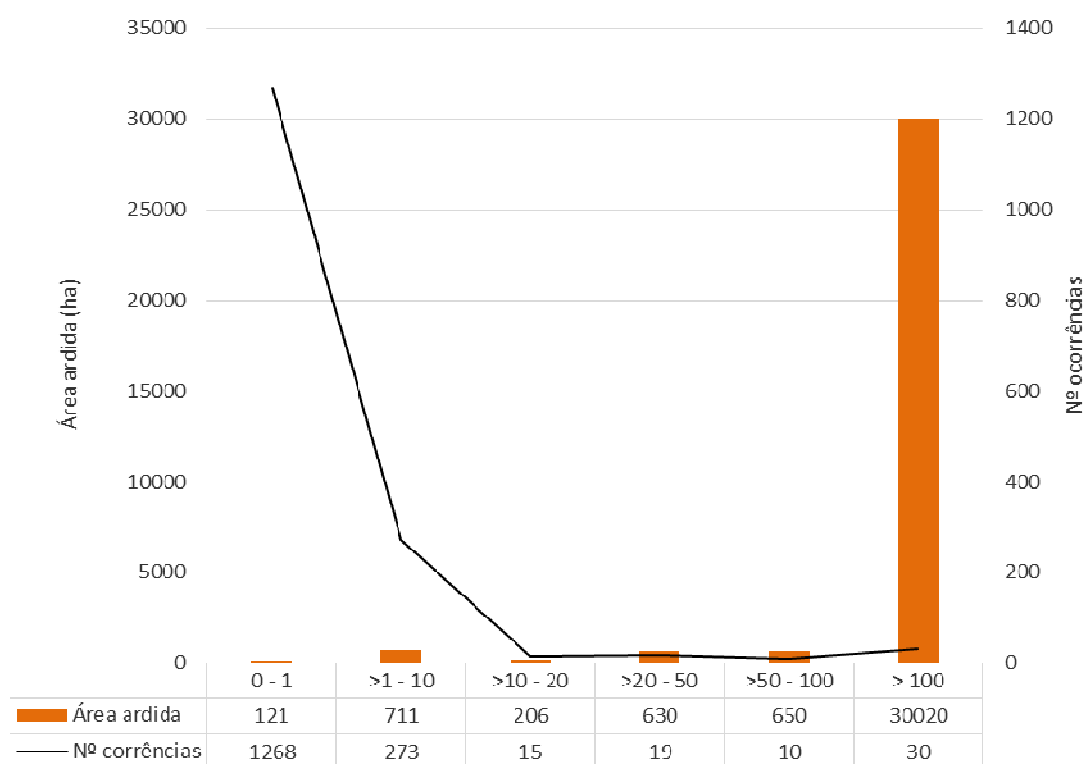
É necessário realizar um grande trabalho de sensibilização para diminuir os incêndios em todas as suas vertentes.

GRÁFICO 25 – DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS (1990-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 26 – DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA ARDIDA E DO N.º DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO (1990 - 2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

FIGURA 17 - PONTOS PROVÁVEIS DE INICIO E CAUSAS

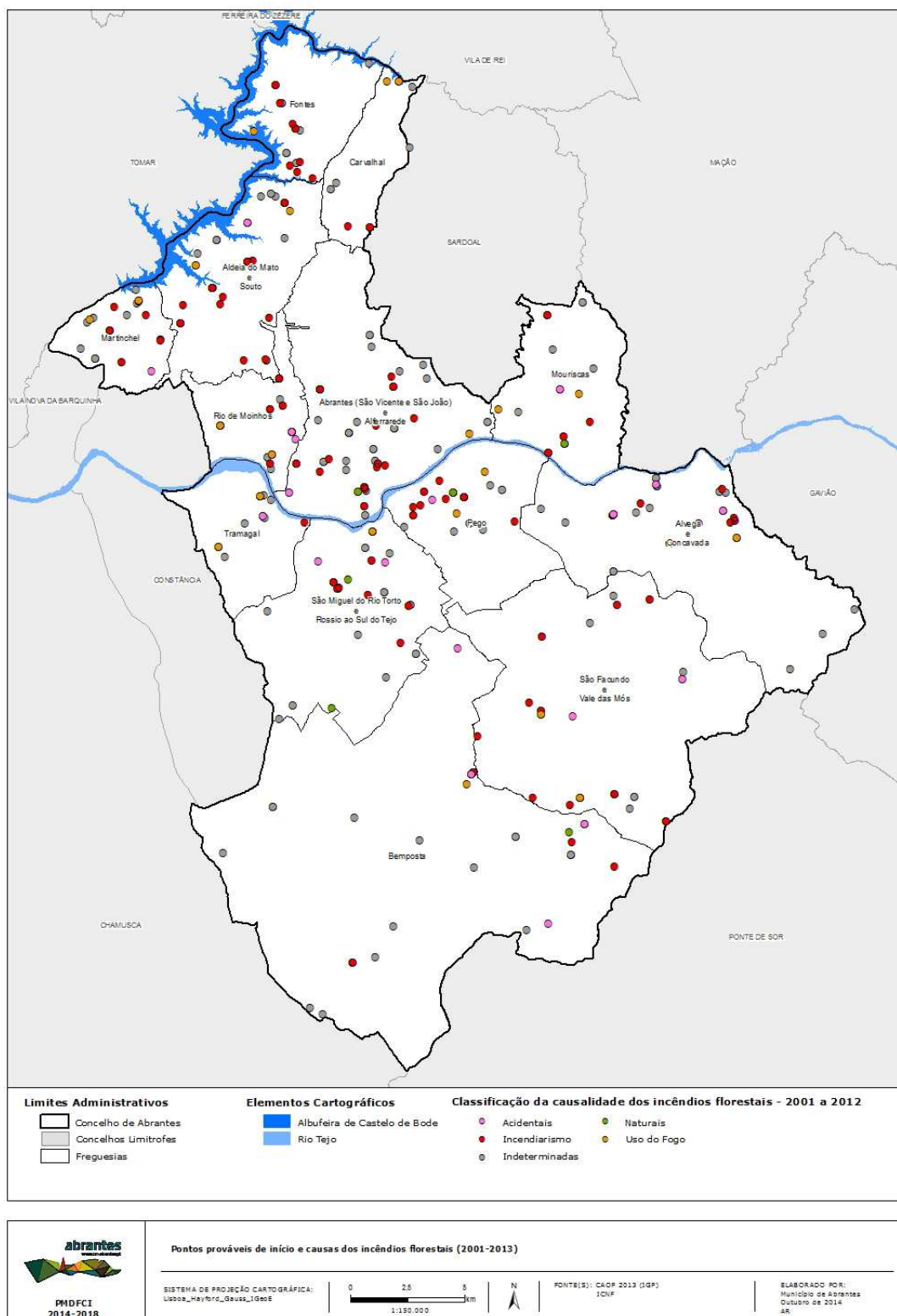


TABELA 12 - Nº TOTAL DE INCÊNDIOS E CAUSAS, POR FREGUESIA (2001 A 2013)

Freguesia	Causa	Total de Incêndios
Abrantes (São Vicente e São João) e Alferrarede	Acidentais	1
	Incendiarismo	31
	Indeterminadas	128
	Naturais	1
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	162
Aldeia do Mato e Souto	Acidentais	1
	Incendiarismo	17
	Indeterminadas	53
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	73
Alvega e Concavada	Acidentais	4
	Incendiarismo	29
	Indeterminadas	46
	Naturais	1
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	81
Bemposta	Acidentais	5
	Incendiarismo	7
	Indeterminadas	41
	Naturais	1
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	55
Carvalhal	Incendiarismo	2
	Indeterminadas	16
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	20
Fontes	Incendiarismo	7
	Indeterminadas	23
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	31
Martinchel	Acidentais	1
	Incendiarismo	8
	Indeterminadas	23
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	33
Mouriscas	Acidentais	1
	Incendiarismo	4
	Indeterminadas	26
	Naturais	1
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	34

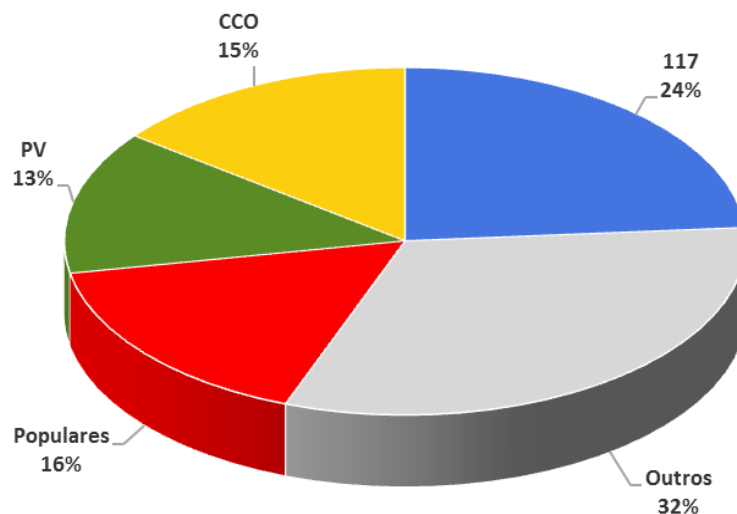
Pego	Acidentais	1
	Incendiarismo	17
	Indeterminadas	27
	Naturais	1
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	48
Rio de Moinhos	Acidentais	4
	Incendiarismo	17
	Indeterminadas	29
	Uso do Fogo	3
	Subtotal	53
São Facundo e Vale das Mós	Acidentais	2
	Incendiarismo	13
	Indeterminadas	32
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	49
São Miguel do Rio Torto e Rossio ao Sul do Tejo	Acidentais	2
	Incendiarismo	9
	Indeterminadas	44
	Naturais	2
	Uso do Fogo	1
	Subtotal	58
Tramagal	Acidentais	1
	Incendiarismo	4
	Indeterminadas	20
	Uso do Fogo	2
	Subtotal	27
	TOTAL	725

5.5. FONTES DE ALERTA

No período analisado (2001 a 2013) a fonte de alerta com maior percentagem foi a fonte “outros” (32%) seguida dos populares (16%). O número menos significativo tem origem nos postos de vigia (13%).

Importa salientar que a vigilância fixa e móvel (vigilância por forças de segurança e bombeiros) só funciona durante a época estival.

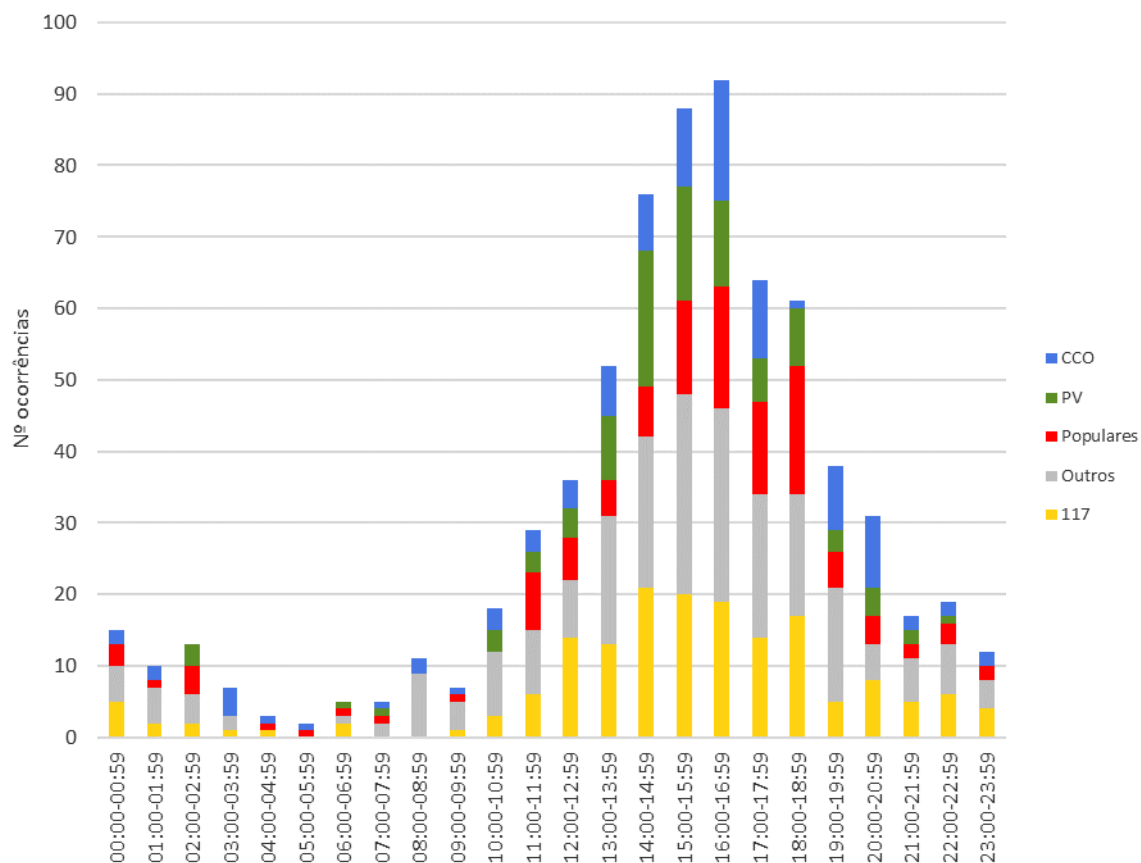
GRÁFICO 27 – DISTRIBUIÇÃO DO Nº DE OCORRÊNCIAS POR FONTE DE ALERTA (2001-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

Na análise ao gráfico 28 - Distribuição do nº de ocorrências por fonte e hora de alerta entre 2001 e 2013, verifica-se que a maior percentagem de alertas ocorre entre as 12.00h e as 20.00h

GRÁFICO 28 – DISTRIBUIÇÃO DO N.º DE OCORRÊNCIAS POR FONTE E HORA DE ALERTA (2001-2013)



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

5.6. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA SUPERIOR OU IGUAL A 100 HA) – DISTRIBUIÇÃO

5.6.1. ANUAL

Através dos valores apresentados na figura 18, tabela 13 e gráfico 29 verificamos que as 30 ocorrências verificadas (área ardida superior a 100 hectares) geraram 30.020 hectares de área ardida. Em apenas 7 ocorrências (com área ardida superior a 1000 há) arderam mais de 24.000 ha, sobressaindo destes o ano de 2003 com área ardida de 13.843 ha. Este ano coincidiu com fenómenos meteorológicos anormais, nomeadamente ondas de calor e ventos superiores à média e ainda à existência de muitos incêndios em concelhos vizinhos. Com a conjugação destes fatores, condições climatéricas adversas e grande número de ocorrências em simultâneo, quando estas não são extintas logo à nascença tornam-se incontroláveis, vindo a ser responsáveis por áreas ardidas extremamente elevadas e colocando em risco pessoas e bens.

5.6.2. MENSAL

Analisando a tabela 14, distribuição mensal, verifica-se que no período de 1991 a 2012 os grandes incêndios ocorreram em agosto, junho e julho. Estes meses apresentam condições climatéricas mais severas, nomeadamente, valores de temperatura elevados, reduzidos valores de humidade (quer atmosférica, quer do solo, e por, conseguinte, dos combustíveis). Estas condições aliadas à topografia do terreno acentuam as dificuldades de deslocação de meios materiais e humanos tornando o combate aos incêndios extremamente difícil.

5.6.3. SEMANAL

Pela análise do gráfico 31, o dia com mais ocorrências e maior área ardida, é o sábado. A quarta feira não apresenta qualquer numero de ocorrências. Tudo indica que o nº de ocorrências se distribui de forma aleatória.

5.6.4. HORÁRIA

Pela análise do gráfico 32 verifica-se que os valores mais elevados de área ardida registaram-se no período horário compreendido entre as 15.00 e as 17.00 horas. Relativamente ao número de ocorrências verifica-se que existe um aumento a partir das 12.00 horas e um decréscimo acentuado a partir das 17.00 horas. Trata-se do período do dia onde o fator climático propicia a ocorrência de ignições (elevados valores de temperatura e reduzidos valores de humidade atmosférica e grande secura de combustíveis).

FIGURA 18 - GRANDES INCÊNDIOS(ÁREA SUPERIOR A 100 HA) – 2000-2012

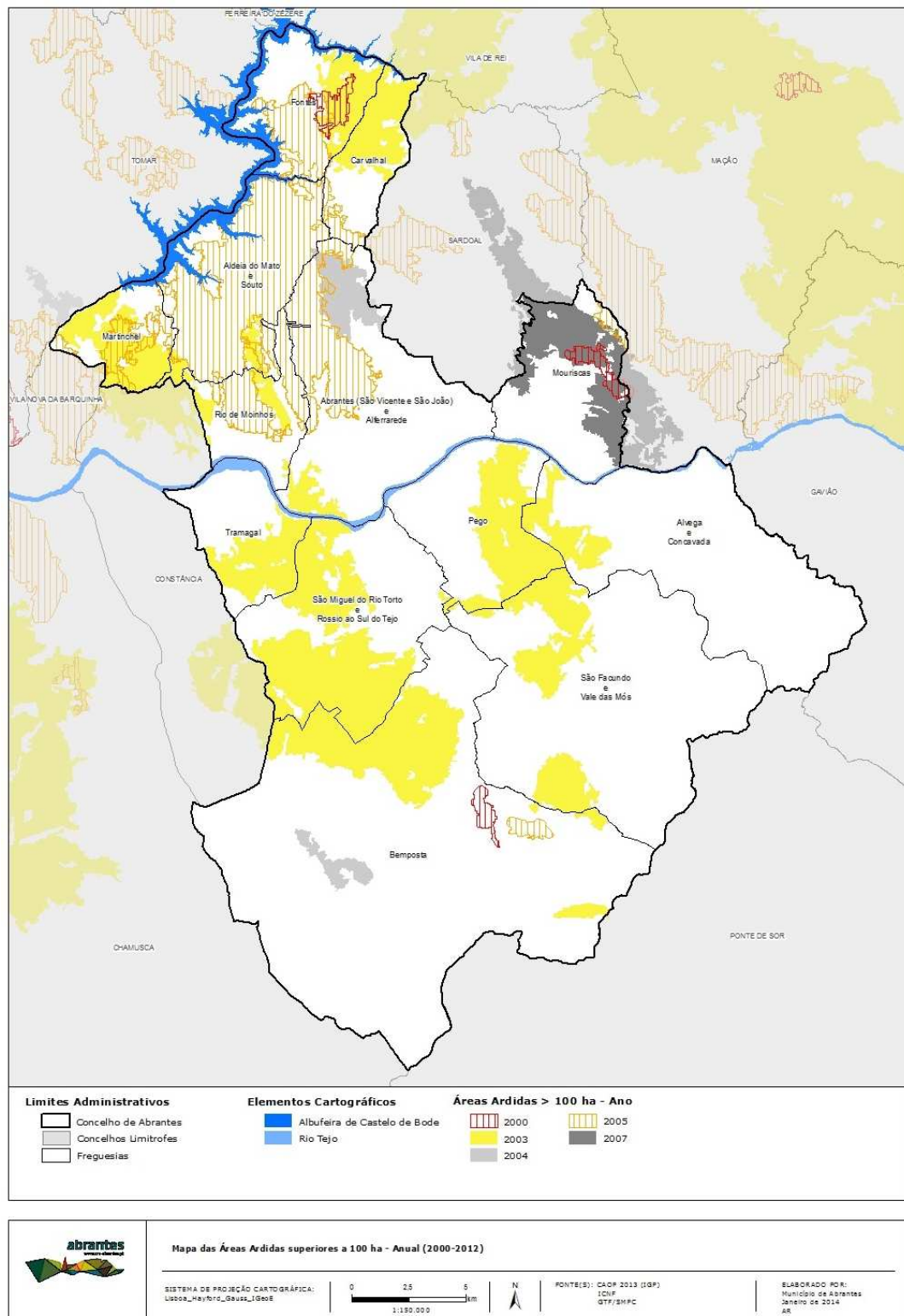
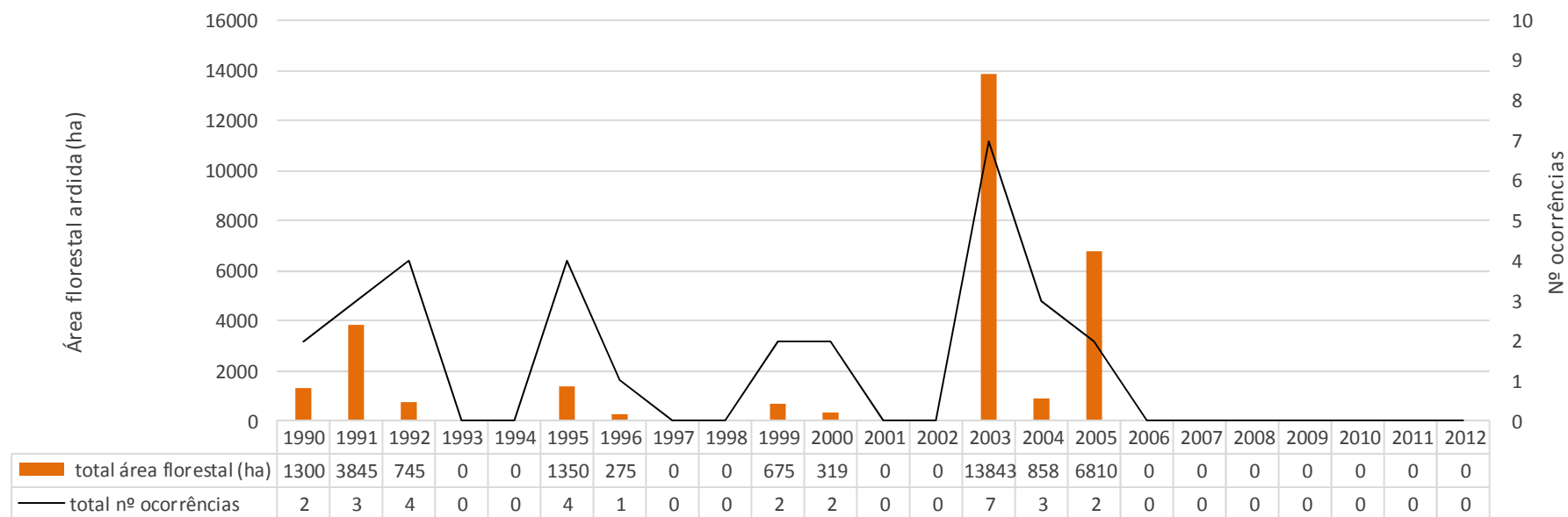


TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO ANUAL DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) – 1990 A 2012

Ano	Classe de Extensão (ha)			Total
	100 - 500	>500 - 1000	>1000	
1990	0	2	0	2
1991	1	0	2	3
1992	4	0	0	4
1993	0	0	0	0
1994	0	0	0	0
1995	3	1	0	4
1996	1	0	0	1
1997	0	0	0	0
1998	0	0	0	0
1999	1	1	0	2
2000	2	0	0	2
2001	0	0	0	0
2002	0	0	0	0
2003	2	1	4	7
2004	2	1	0	3
2005	1	0	1	2
2006	0	0	0	0
2007	0	0	0	0
2008	0	0	0	0
2009	0	0	0	0
2010	0	0	0	0
2011	0	0	0	0
2012	0	0	0	0
Total	17	6	7	30

GRÁFICO 29 – DISTRIBUIÇÃO ANUAL DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) E DO Nº DE OCORRÊNCIAS – 1990 A 2012

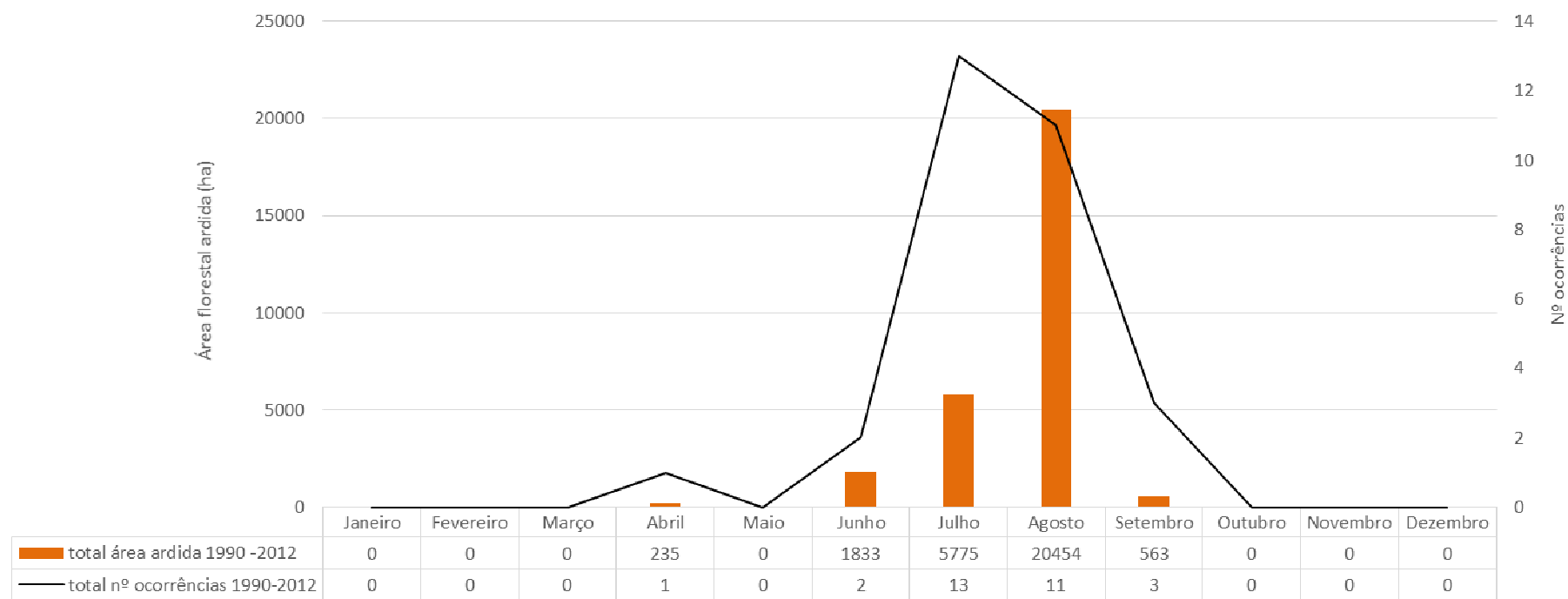


Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

TABELA 14 - DISTRIBUIÇÃO MENSAL DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) – 1990 A 2012

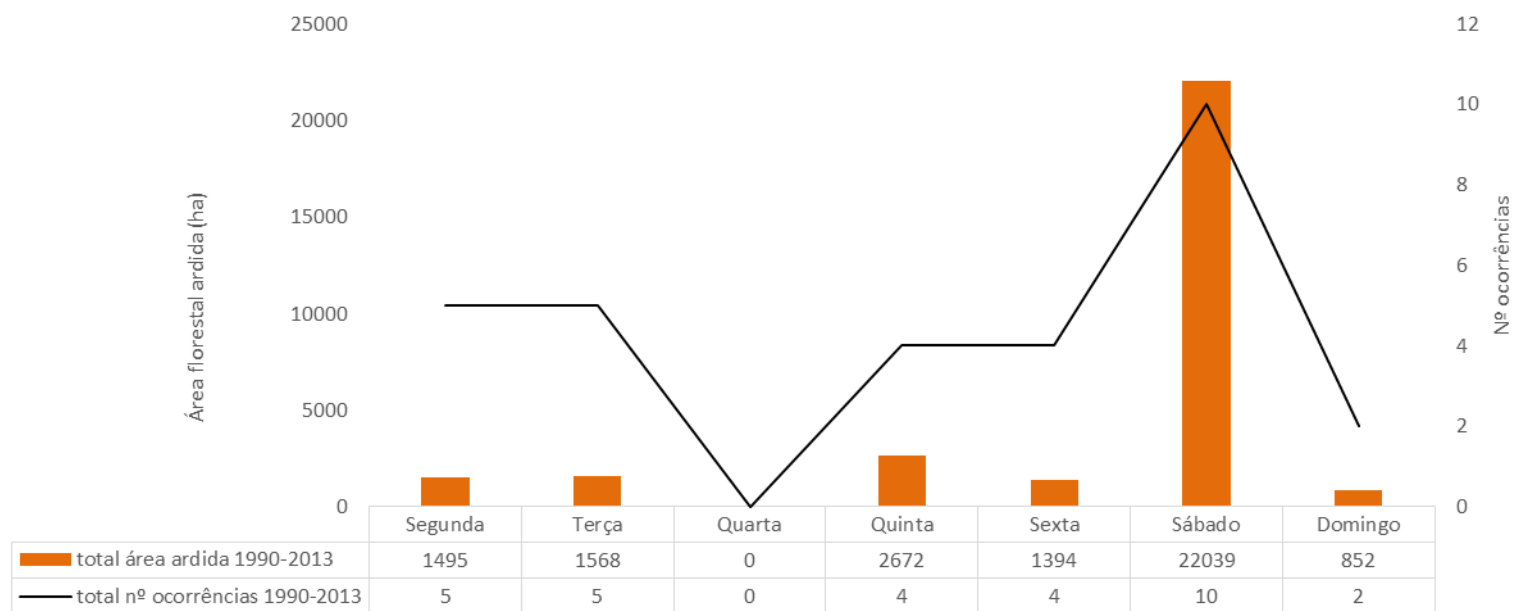
Classe de Extensão (ha)	Mês	Nº Ocorrências	Área ardida (ha)
100 - 500	Abril	1	235
	Junho	1	355
	Julho	8	1365
	Agosto	4	872
	Setembro	3	563
	Subtotal	17	3390
>500 - 1000	Junho	1	573
	Julho	3	1825
	Agosto	2	1388
	Subtotal	6	3786
>1000	Junho	1	1260
	Julho	1	2230
	Agosto	5	19354
	Subtotal	7	22844
TOTAL		30	30020

GRÁFICO 30 – DISTRIBUIÇÃO MENSAL DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) E DO Nº DE OCORRÊNCIAS – 1990 A 2012



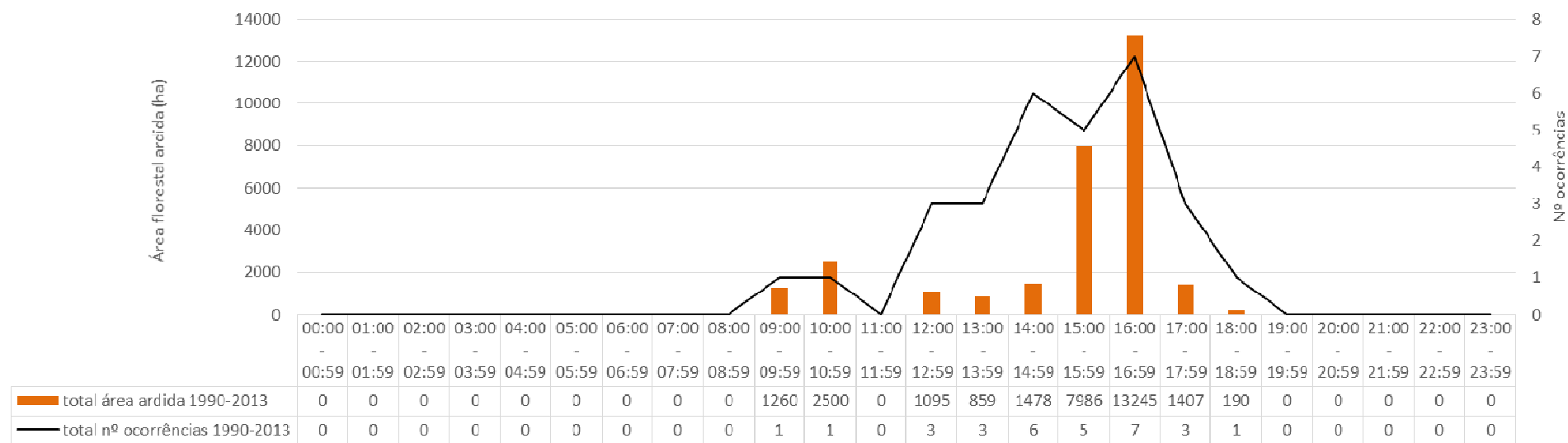
Fonte: <http://www.icnf.pt/porta/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 31 – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) E DO Nº DE OCORRÊNCIAS – 1990 A 2013



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>

GRÁFICO 32 – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA DOS GRANDES INCÊNDIOS (> 100HA) E DO Nº DE OCORRÊNCIAS – 1990 A 2013



Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/estatisticas>